



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Psicologia

Caroline Muniz Ferreira da Silva Camacho Ventura

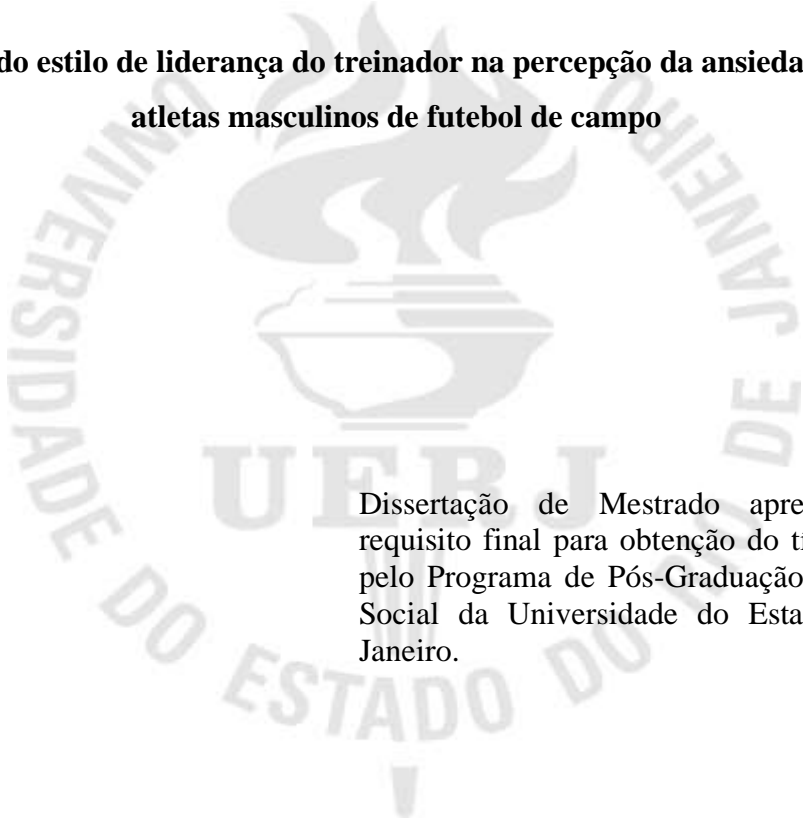
**A influência do estilo de liderança do treinador na percepção da ansiedade  
de jovens atletas masculinos de futebol de campo**

Rio de Janeiro

2020

Caroline Muniz Ferreira da Silva Camacho Ventura

**A influência do estilo de liderança do treinador na percepção da ansiedade de jovens atletas masculinos de futebol de campo**



Dissertação de Mestrado apresentada como requisito final para obtenção do título de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientadora: Prof. Dra. Angela Josefina Donato Oliva

Rio de Janeiro

2020

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

M966

Muniz, Caroline.

A influência do estilo de liderança do treinador na percepção da ansiedade de jovens atletas masculinos de futebol de campo / Caroline Muniz. – 2020.  
85 f.

Orientadora: Angela Josefina Donato Oliva.  
Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Psicologia.

1. Psicologia Social – Teses. 2. Esportes - Aspectos psicológicos – Teses. 3. Futebol – Teses. I. Oliva, Angela Josefina Donato. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Psicologia. III. Título.

es

CDU 316.6::769.33

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

---

Assinatura

---

Data

Caroline Muniz Ferreira da Silva Camacho Ventura

**A influência do estilo de liderança do treinador na percepção da ansiedade de jovens atletas masculinos de futebol de campo**

Dissertação de Mestrado apresentada como requisito final para obtenção do título de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovada em 27 de março de 2020.

Banca Examinadora:

---

Prof. Dra. Angela Josefina Donato Oliva (Orientadora)  
Instituto de Psicologia - Uerj

---

Dra. Aline Arias Wolff  
Comitê Olímpico Brasileiro – COB

---

Prof. Dr. Erick Francisco Quintas Conde  
Universidade Federal Fluminense – UFF

---

Prof. Dr. Próspero Brum Paoli  
Universidade Federal de Viçosa - UFV

Rio de Janeiro

2020

Para o meu avô – Antônio Ferreira. Que aprendeu a ler sozinho no sertão de Pernambuco e partiu para outro plano em meio a escrita desse trabalho. Minha gratidão pela força que trouxe para toda a nossa família durante os seus 101 anos de vida.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, pela fé e coragem diárias.

Ao meu Querido John, por ser meu maior incentivador, marido, amigo e companheiro de todas as horas.

Aos meus pais, Reginaldo e Estela, pela construção de grande parte do que sou. Aos meus irmãos, Cadu e Lucas e meus cunhados, Marina e Henrique. À minha tia Anita. Cada um tem uma contribuição especial no meu caminho.

Aos meus amigos e incentivadores: Adriana, Dani e Paulo.

À instituição Vasco da Gama, meu trabalho. Obrigada pelo incentivo de todos e pela compreensão durante esse processo. À minha equipe de Psicologia, sempre juntas e me auxiliando quando preciso: Lari, Paty, Camilla, Gabi e Jessyka.

Aos meus grandes amigos: Bruno e Yago. Se estou aqui hoje, com certeza a culpa é deles.

À Kátia, por ter contribuído nesse processo.

Aos atletas e instituições que contribuíram com as coletas de dados desse estudo. E aos amigos que auxiliaram esse processo: Carol Machado, Cleo Holanda e Simone Luz. Muito obrigada!

Aos membros da banca, pela disponibilidade e contribuições, que sem dúvidas serão fundamentais.

À minha orientadora, Angela Donato. Obrigada por ter me abraçado no meio desse processo, sem nem pensar duas vezes. Cheguei aqui através da sua competência e do seu olhar humano que andavam sempre unidos. Obrigada por tudo!

## RESUMO

MUNIZ, Caroline. **A influência do estilo de liderança do treinador na percepção da ansiedade de jovens atletas masculinos de futebol de campo.** 2020. 85 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

Líderes possuem forte influência sobre os indivíduos de um grupo esportivo. Os treinadores esportivos podem apresentar diversos estilos de liderança por meio de seus comportamentos em relação com o grupo de atletas. O esporte competitivo é altamente estressor e esse ambiente pode afetar a saúde emocional de seus praticantes. Diversos estudos apontam a elevação da ansiedade na prática esportiva competitiva de alta *performance*. Há escassez de estudos que relacionam o estilo de liderança influenciando a ansiedade de esportistas. Não foram encontrados na literatura estudos correlacionando os estilos autocráticos ou democráticos com a percepção dos níveis de ansiedade de atletas de alto rendimento. Esse aspecto traz para a discussão uma variável interna que pode ter ficado negligenciada. Para contribuir com os estudos de liderança no esporte, o presente estudo objetiva identificar se há relação entre o estilo de liderança do treinador e os níveis de ansiedade percebida de equipes de jovens atletas de futebol de campo do Rio de Janeiro, medida por intermédio do instrumento baseado no Modelo Multidimensional de Liderança no Esporte. Os resultados encontrados apontaram diferenças estatísticas significativas quanto à associação entre fator de liderança e nível de ansiedade, rejeitando a hipótese de independência entre as variáveis: Fator de liderança e Nível de ansiedade. O nível de ansiedade do atleta pode depender do fator de liderança do treinador. A escolha do fator Liderança motivadora/ inspiradora e positiva contingente se associa com níveis mínimos de ansiedade. Nesta pesquisa, foi indicado que os atletas de futebol que possuem acompanhamento psicológico em sua equipe apresentaram índice mais baixo de ansiedade em comparação aos que não possuem.

Palavras-chaves: Psicologia do esporte. Futebol. Treinador. Liderança. Ansiedade.

## ABSTRACT

MUNIZ, Caroline. **The influence of the coach's leadership style on the perception of young male soccer players.** 2020. 85 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

Leaders have a strong influence on individuals in a sports group. Sports coaches can present different leadership styles through their behavior in relation to the group of athletes. Competitive sport is highly stressful and this environment can affect the emotional health of its practitioners. Several studies point the increased of anxiety in high-performance competitive sports. There is a scarcity of studies that relate the leadership style influencing the anxiety of athletes. No studies were found in the literature correlating autocratic or democratic styles with the perception of anxiety levels in high-performance athletes. This aspect brings to the discussion an internal variable that may have been neglected. To contribute to leadership studies in sport, the present study aims to identify if there is a relationship between the leadership style of the coach and the levels of perceived anxiety of teams of young soccer players in Rio de Janeiro, measured through the instrument based on the Multidimensional Model of Leadership in Sport. The results found showed significant statistical differences regarding the association between the leadership factor and anxiety level, rejecting the hypothesis of independence between the variables: Leadership factor and Anxiety level. The athlete's anxiety level may depend on the coach's leadership factor. The choice of the motivating / inspiring and positive contingent leadership factor is associated to minimal levels of anxiety. In this research, it was indicated that soccer athletes who have psychological support in their team had a lower anxiety rate compared to those who do not.

Keywords: Sport psychology. Soccer. Coach. Leadership. Anxiety.



## **LISTA DE FIGURAS**

Figura 1 - Fluxograma do procedimento de seleção de artigos .....	21
Figura 2 - Modelo Multidimensional de Liderança no Esporte.....	36
Figura 3 - Escala analógica subjetiva para percepção da ansiedade.....	44

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 -	Quantidade de produção científica sobre as causas da ansiedade em jogadores de futebol no período 2003-2019 .....	22
Gráfico 2 -	Causas da ansiedade em jogadores de futebol investigadas nos artigos elegíveis .....	23
Gráfico 3 -	Frequência da faixa etária dos participantes .....	45
Gráfico 4 -	Frequência da escolaridade dos participantes .....	45
Gráfico 5 -	Frequência do tempo de prática no esporte dos participantes.....	45
Gráfico 6 -	Frequência do tempo de atuação dos atletas na equipe esportiva .....	46
Gráfico 7 -	Frequência do número de dias semanais que os atletas praticam a modalidade .....	46
Gráfico 8 -	Frequência do número de horas diárias que os atletas praticam a modalidade .....	46
Gráfico 9 -	Frequência do número de campeonatos disputados anualmente pelos atletas .....	47
Gráfico 10 -	Frequência do apoio familiar na carreira esportiva dos atletas .....	47
Gráfico 11 -	Frequência da atual posição ocupada pelos atletas na modalidade.....	47
Gráfico 12 -	Frequência dos atletas que ocupam vagas no time titular .....	48
Gráfico 13 -	Frequência dos atletas que já tiveram alguma passagem pelo futebol profissional.....	48
Gráfico 14 -	Frequência dos atletas que possuem acompanhamento psicológico no âmbito esportivo.....	48
Gráfico 15 -	Frequência dos valores salariais recebidos pelos atletas.....	49
Gráfico 16 -	Frequência de salários atrasados dos atletas .....	49
Gráfico 17 -	Frequência de atletas que possuíam acompanhamento psicológico e nível de ansiedade, medido através da escala analógica subjetiva .....	50
Gráfico 18 -	Distribuição da frequência de observações dos fatores de liderança .....	52
Gráfico 19 -	Distribuição da frequência de observações dos níveis de ansiedade .....	52
Gráfico 20 -	Frequência do fator de liderança percebido e o nível de ansiedade.....	54
Gráfico 21 -	Fator de Liderança e influência da ansiedade .....	56

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Itens excluídos da EMLD – versão comportamentos atuais, no processo de validação para o contexto brasileiro .....	38
Tabela 2 - Correlação entre as variáveis sociodemográficas e o nível de ansiedade.....	50
Tabela 3 - Regressão Linear Múltipla.....	51
Tabela 4 - Modelo de variável preditora estatisticamente significativa .....	51
Tabela 5 - Sintomas de ansiedade percebidos pelos atletas.....	53
Tabela 6 - Tabela de contingência – Qui Quadrado com Ajuste Exato de Fisher.....	55
Tabela 7 - Resultados do Teste Qui-Quadrado com Ajuste Exato de Fisher.....	56
Tabela 8 - Correlação de Spearman entre fator de liderança e nível de ansiedade.....	56

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BAI –	Inventário Beck de Ansiedade
CNS –	Conselho Nacional de Saúde
ELD -	Escala de Liderança no Desporto
EMLD -	Escala Multidimensional de Liderança no Desporto
LSS -	<i>Leadership Scale for Sports</i>
DSM-5 -	Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais 5
SPSS -	<i>Statistical Package for the Social Sciences</i>
TCLE -	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	13
1 ESTUDO 1 - AS CAUSAS DA ANSIEDADE EM JOGADORES DE FUTEBOL DE ALTO RENDIMENTO: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA.....	17
1.1 Método.....	19
1.2 Resultados .....	19
1.3 Discussão .....	23
1.4 Em síntese .....	30
2 ESTUDO 2 - ESTILOS DE LIDERANÇA DO TREINADOR E A INFLUÊNCIA DA ANSIEDADE NA PERCEPÇÃO DE ATLETAS DE FUTEBOL.....	32
2.1 Liderança .....	32
2.2 Liderança do treinador de futebol.....	33
2.3 Modelo Multidimensional de Liderança no Esporte.....	35
2.4 Escala de Liderança para o Esporte.....	36
2.4.1 <u>Validação para o contexto brasileiro</u> .....	37
2.5 Liderança do treinador e ansiedade na percepção de atletas .....	38
2.6 Objetivos .....	39
2.6.1 <u>Objetivo geral</u> .....	39
2.6.2 <u>Objetivos específicos</u> .....	39
2.7 Hipótese.....	39
2.8 Método.....	40
2.8.1 <u>Participantes</u> .....	40
2.8.2 <u>Medidas</u> .....	40
2.8.3 <u>Procedimentos</u> .....	41
2.8.4 <u>Análise de dados</u> .....	43
2.9 Resultados .....	44
2.9.1 <u>Dados sociodemográficos</u> .....	44
2.9.2 <u>Estilos de liderança do treinador percebido pelos atletas</u> .....	51
2.9.3 <u>Níveis de ansiedade percebidos pelos atletas</u> .....	52
2.9.4 <u>Liderança x Ansiedade</u> .....	54
2.10 Discussão .....	56
2.11 Limitações do estudo.....	60

<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	61
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	63
<b>ANEXO A</b> – Artigos elegíveis por título e resumo .....	69
<b>ANEXO B</b> – Folha de rosto para pesquisas com seres humanos .....	76
<b>ANEXO C</b> – Modelo de carta de anuência enviado para as instituições cedentes para coleta de dados .....	77
<b>ANEXO D</b> – Cartas de autorização para coleta de dados .....	78
<b>ANEXO E</b> – Termo de compromisso livre e esclarecido.....	81
<b>ANEXO F</b> – Questionário sociodemográfico.....	82
<b>ANEXO G</b> – Escala multidimensional de liderança para o desporto.....	83
<b>ANEXO H</b> – Inventário beck de ansiedade.....	85

## INTRODUÇÃO

Brandão et al. (2008) refletem que a dimensão psicológica para o atleta possui características individuais, isto quer dizer, que emoções, motivações e expectativas ocorrem de maneira diferente para cada jogador. Geralmente, emoções como alegria, ansiedade, tristeza, raiva, frustração, medo e esperança estão presentes no esporte. No esporte de alto rendimento essas emoções podem se tornar mais intensas. A evolução dos estudos das emoções inicia com Darwin (1876) quando afirmou que as emoções são filogeneticamente passadas pela natureza das espécies.

Entre os diferentes conceitos de emoções existentes pelos teóricos que se dedicaram a estudar esse evento, Reeve (2006, p. 191) as define como “*fenômenos expressivos e de propósitos, filogeneticamente transmitidas e com propósitos adaptativos, de curta duração, que envolvem estados de sentimentos e ativação*”. Reeve (2006) ainda complementa que as emoções ajudam o ser humano no enfrentamento de situações importantes da vida e na adaptação de novas oportunidades e desafios. Damásio (1996) define emoções como descargas biológicas, sendo o sistema límbico – conjunto de estruturas cerebrais, relacionadas principalmente com as emoções, memória e aprendizagem - o responsável por moldar e traduzir essas descargas. Damásio (1996) complementa que as emoções estão associadas à memória e estão relacionadas com a experiência individual de cada sujeito.

O *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5)* caracteriza a ansiedade como uma emoção desencadeada pela antecipação de uma ameaça futura (APA, 2014). É importante ressaltar que ansiedade pode se manifestar em diversas situações do cotidiano através de seus sintomas fisiológicos, cognitivos, emocionais e comportamentais e nem sempre será considerada uma patologia, apenas uma emoção de curta duração, sendo fundamental para a defesa do organismo (APA, 2014; Wolff, 2015). Para que a ansiedade seja considerada um transtorno, necessita ser excessiva e persistir além de períodos apropriados para o enfrentamento de determinadas situações, causando perturbações no comportamento a longo prazo (APA, 2014).

Em algum momento da vida, todos os indivíduos irão experimentar o estado emocional de ansiedade. No esporte, a expectativa por excelentes resultados é elevada podendo esse ambiente ser um forte gerador dessa emoção (Wolff, 2015). O ponto chave é o atleta saber identificar até que nível essa emoção é benéfica e natural ao seu desempenho. Quando a ansiedade ultrapassa esse nível ela pode fazer com que o atleta distorça interpretações das situações ambientes e isso pode promover um impacto em sua cognição e

seus comportamentos, prejudicando sua saúde emocional e seu desempenho no esporte (Wolff, 2015).

Pesquisadores afirmam que a ansiedade excessiva em atletas pode enfraquecer a autoeficácia (Castro et al., 2018; Wolff, 2015). Bandura (1994) definiu autoeficácia como a capacidade do ser humano de acreditar e desempenhar comportamentos sobre as situações, fortalecendo a autorrealização e o bem-estar. Essas crenças podem ser determinantes nos processos motivacionais, nos sentimentos, nos pensamentos e nos comportamentos (Bandura, 1994).

Pensamentos disfuncionais diante de eventos ameaçadores tendem a acentuar a ansiedade e dificultam o seu enfrentamento e regulação. A ansiedade não é determinada pela situação ameaçadora, mas pela maneira que o indivíduo interpreta e enfrenta esses eventos. A ineficácia percebida possui importante função no reforçamento de sintomas de ansiedade e/ou depressivos (Bandura, 1994; Barlow, 1991; Pervin & John, 2004).

Uma das grandes influências na autoeficácia é a convivência com os pares. É através das relações que as capacidades de autoconhecimento são alcançadas, os pares possuem um papel fundamental nas crenças de autoeficácia. Questões como, aprendizagem social, aceitação, autoestima e interesse em comum promovem influências na autoeficácia (Bandura, 1994). No âmbito esportivo, essa relação é estendida aos treinadores, já que esses exercem grande poder de liderança sobre seus atletas. Wolff (2015) afirma que alguns treinadores possuem mais habilidades para proporcionarem aos seus atletas o reforçamento positivo das crenças de autoeficácia, outros nem tanto. Defende ainda, a autoeficácia como uma variável fundamental para o desempenho e ao mesmo tempo inconstante, o que exige um determinado cuidado e trabalho realizado por profissionais qualificados (Wolff, 2015).

O treinador de futebol é uma figura modeladora do comportamento do atleta. O estilo de liderança tem influência positiva ou não no desenvolvimento do desportista. A relação interpessoal do treinador com a sua equipe pode afetar diretamente a *performance* esportiva e a saúde mental. Questões como motivação e aprendizagem estão diretamente interligadas por meio dessa relação (Weinberg & Gould, 2001).

Simões (1994) aponta a liderança do treinador esportivo como um fator altamente influenciador na *performance* e na formação dos esportistas. Costa, Samulski e Marques (2006) analisaram o perfil de liderança de 13 treinadores dos clubes participantes do Campeonato Mineiro de 2005, concluindo que os treinadores utilizavam, em maior número, a liderança autocrática e os fatores de treino-instrução para liderarem seus atletas. Os autores (Costa, Samulski, & Marques, 2006) ainda recomendam, ao final de sua pesquisa, a



importância e a escassez de se realizar estudos que analisem a liderança do treinador pela visão dos atletas.

Weinberg e Gould (2001) discutem os estilos de liderança do treinador esportivo e o quanto esses podem influenciar nos comportamentos dos esportistas. Em especial, os autores definem os principais estilos de liderança do treinador: o autocrático (quando o treinador resolve os problemas por si próprio, geralmente orientado à vitória, fortemente estruturado e orientado à tarefa) e o democrático (tipicamente centrado no atleta, cooperativo e orientado ao relacionamento). Diante disso, os autores enfatizam que o treinador esportivo não necessita predominar sempre um estilo de liderança, podendo integrar, de maneira efetiva, fusionando os estilos autocrático e democrático diante dos fatores circunstanciais e das características dos atletas, ou seja, como uma atuação situacional.

Weinberg e Gould (2001) ressaltam que os treinadores esportivos necessitam desenvolver bem a comunicação, as boas relações interpessoais e ter objetivos claros. Sonoo, Hoshino e Vieira (2008) realizaram um estudo sobre o perfil do treinador esportivo em treinos e competições, apontando o perfil autocrático do treinador como predominante nas modalidades coletivas; já as modalidades individuais, evidenciaram a atuação mais democrática dos treinadores. O estudo ainda concluiu que os comportamentos autocráticos ocorreram com mais frequência nos períodos de pré-competição e os resultados sugeriram que o treinador esportivo deve adaptar o estilo de liderança de modo situacional, dependendo da modalidade, das características do esporte, do treino, do jogo e dos diferentes ciclos do treinamento.

Todos esses comportamentos do treinador esportivo podem impactar no bem-estar emocional do atleta, bem como a reduzir ou aumentar seus sintomas de ansiedade diante da competição, podendo afetar diretamente seu desempenho esportivo (Brandão & Carchan, 2010). Desta maneira, sendo necessário que essas atitudes sejam direcionadas através das variáveis situacionais. Brandão e Carchan (2010) concluíram um estudo sobre o comportamento preferido dos atletas acerca da liderança do treinador e sua influência no desempenho de atletas de voleibol de uma categoria adulta, enfatizando que há uma tendência de os atletas perceberem que a maneira como o treinador os lidera influencia diretamente nas ações do jogo.

O Modelo Multidimensional de Liderança de Chelladurai (1989) defende que os liderados possuem o comportamento fortemente influenciado pelas características situacionais. Weinberg e Gould (2001) apontam que o Modelo Multidimensional de Liderança no Esporte (Chelladurai, 1989) trata-se de um processo interacional, no qual a

liderança vai depender das características circunstanciais, isto é, o líder, os atletas e as situações do ambiente. Este modelo aponta que o desempenho e a autorrealização dos atletas dependem de três aspectos do comportamento do treinador esportivo, são eles: o requerido, o real e o preferido. As características circunstanciais (a situação), as características do líder (o treinador) e as características dos indivíduos (os atletas) são chamados de antecedentes, pois podem levar aos três tipos de comportamentos expostos acima. Assim, os desempenhos ideais e a satisfação dos atletas são alcançados quando os comportamentos requeridos, reais e preferidos do treinador são adequados e consistentes (Chelladurai, 1989; Sonoo, Hoshino, & Vieira, 2008; Weinberg & Gould, 2001).

Ao se deparar com a escassez de instrumentos em seus estudos sobre liderança Barale (2009), adaptou a Escala Multidimensional de Liderança no Desporto – EMLD (Gomes, 2005) para o contexto brasileiro (Barale, 2009), na versão comportamentos atuais. Diante de estudos que investigam a importância da relação da liderança e do grupo esportivo, pretende-se examinar os estilos de liderança dos treinadores na equipe esportiva através da percepção dos atletas, além de investigar a influência de tais estilos nos sintomas de ansiedade dos atletas e investigar a influência de tais estilos na ansiedade.

## 1 ESTUDO 1 - AS CAUSAS DA ANSIEDADE EM JOGADORES DE FUTEBOL DE ALTO RENDIMENTO: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA

No mundo, o futebol é um fenômeno social que atravessa e engloba distintas culturas, é competitivo, gerador de pressões e cobranças de alta *performance* e resultados para os clubes. Mesmo em jovens categorias, os jogadores são cobrados para apresentarem resultados satisfatórios (Da Matta, 1994; Rodrigues, 2004).

A ansiedade, por vezes, é considerada como sendo um estado emocional negativo, que tende a gerar nervosismo, apreensão, alterações no corpo e/ou preocupações (Weinberg & Gould, 2001). Mas, Wolff (2015) esclarece que a ansiedade nem sempre é negativa, pois faz parte do sistema de sobrevivência de muitos animais. Ela é uma reação natural, um mecanismo de defesa e sobrevivência do organismo. O ideal é encontrar um nível ótimo de ansiedade, e isso varia de indivíduo para indivíduo. Wolff (2015) ainda destaca que mesmo em situações nas quais a ansiedade se elevada, é possível aprender a realizar sua regulação através do treinamento de habilidades psicológicas. Além das esferas física, técnica e tática, a dimensão psicológica tem auxiliado atletas de futebol e de outras modalidades a melhorarem o desempenho (Samulski, 2009; Weinberg & Gould, 2001). A Psicologia do Esporte, além de ajudar a promover bem-estar emocional direcionado à prática esportiva, contribui para fortalecer as relações interpessoais que a modalidade promove (Becker Jr. & Teloken, 2000; Weinberg & Gould, 2001). Dessa maneira, o esportista, por meio do bem-estar emocional e de técnicas científicas, pode melhorar seu desempenho.

Estudos indicam que os jogadores apresentam, em geral, níveis elevados de ansiedade (De Rose Jr., 2009; Weinberg & Gould, 2001). No entanto, as investigações de Fortes et al. (2018) e Muchuane (2001), indicam que a ansiedade muito elevada não contribui para uma boa *performance*, podendo variar de indivíduo para indivíduo. O presente estudo busca identificar a origem da ansiedade nos jogadores, através de uma revisão sistemática. A relevância deste trabalho apoia-se na hipótese de que níveis não tão elevados de ansiedade favorecem um melhor desempenho e bem-estar emocional, aumentando índices de satisfação profissional e pessoal (Fortes et al., 2018; Muchuane, 2001). Identificar os fatores causadores dessa ansiedade em jogadores pode ajudar no manejo terapêutico dessa categoria especificamente (Manoel, 1994).

A literatura registra uma distinção entre ansiedade-estado e ansiedade-traço. A ansiedade-estado é caracterizada como a condição emocional em constante variação, que se modifica por meio dos acontecimentos, situações e relações. E a ansiedade-traço se refere à

circunstância emocional mais estável, adquirida como parte da personalidade (Spielberg, 1972; Weinberg & Gould, 2001; Wolff, 2015).

A ansiedade nos atletas, muitas vezes, se manifesta como uma ameaça por meio dos pensamentos disfuncionais e pode aparecer como verbalizações ou imagens mentais que trazem impacto para as esferas fisiológicas (sudorese, taquicardia, tremores, tensão muscular, boca seca, vontade de evacuar e dificuldades para dormir, por exemplo); cognitivas e emocionais (preocupação excessiva pelo resultado, medo, irritabilidade, raiva e dificuldades de tomar decisões, por exemplo) e comportamentais (desistir da competição e crises de choro, por exemplo), podendo alterar a *performance* e o bem-estar emocional (Wolff, 2015). Esses aspectos internos também podem ser influenciados pelos fatores ambientais, como por exemplo, pressão e comportamento do treinador, podendo resultar em sintomas da ansiedade no desportista (Wolff, 2015).

O futebol pode proporcionar muitas situações favoráveis à ansiedade. A batida de um pênalti decisivo pode ser um exemplo de o jogador desenvolver um nível de ansiedade que prejudique seu sucesso (Lins & Silva, 2010). As lesões esportivas e as pressões de terceiros também podem gerar ansiedade que prejudique o jogador a encontrar novas soluções (Olmedilla, Ortega, & Gómez, 2014; Santos, 2011). As horas de sono suficientes são de extrema importância para a regulação da ansiedade do esportista (Weineck, 2005). Mas o maior evento gerador de ansiedade em atletas é a pré-competição (Marten & Landers, 1990).

Alguns estudos investigam a epidemiologia dos sintomas mentais em atletas, mas nem sempre apontam a origem desses sintomas (Gulliver et al., 2015; Schaal et al., 2011). Os mesmos autores encontram resultados onde atletas de elite franceses possuem características para desenvolverem transtornos ansiosos em 17%, já atletas australianos em 26,3% em relação a 16% da população. E ainda, além de possuírem prevalência para o desenvolvimento de outros transtornos relacionados ao sono e à alimentação, por exemplo.

Identificar o ponto de partida da ansiedade em atletas poderá proporcionar intervenções seguras e eficazes do psicólogo esportivo nos atletas. A partir disso, o profissional poderá executar as melhores estratégias terapêuticas, de acordo com cada causa. Manoel (1994) identifica a dificuldade que os atletas possuem em reagir frente às situações como a ansiedade, sem um suporte profissional, o esportista poderá acabar abandonando sua prática e seu bem-estar emocional não será priorizado.

Cada indivíduo reage de uma forma diante dos sintomas de ansiedade, isto significa, que nem toda ansiedade é danosa (Cratty, 1984). Uma pesquisa (Schmidt et al., 2020) aponta que é necessário um nível de excitação fisiológica e certo nível de ansiedade para o alcance de

um desempenho favorável nos esportes eletrônicos, sendo a ansiedade um fator mais influenciador no desempenho do que a excitação fisiológica. Mas, a teoria de Muchuane (2001) aponta que níveis de ansiedade acima do ideal trazem uma queda no desempenho, sendo isso relacionado a cada atleta individualmente, o que significa, que alguns atletas podem ter um nível elevado de rendimento, enquanto outros precisam estar mais relaxados para que isso ocorra.

## 1.1 Método

A presente revisão pretende analisar as publicações dos últimos anos (2003-2019) dentro da temática abordada (Broadbent et al., 2018; Cano, Zafra, & Toro, 2010; Castro et al., 2018; Castro-Sánchez et al., 2019; Chell et al., 2003; De La Pena, Khoo, & Murray, 2010; Fernandez-Garcia et al., 2014; Fortes et al., 2018; Garcia-Mas et al., 2011; Horikawa & Yagi, 2012; Kang & Jang, 2018; Navia et al., 2019; Olmedilla, García, & Martínez, 2006). O objetivo é analisar os resultados das recentes pesquisas, seus anos de publicação, as principais causas da ansiedade em jogadores (profissionais) de futebol e outros sintomas psicológicos encontrados nos jogadores.

Este estudo de revisão sistemática foi desenvolvido através do *Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses* – PRISMA (Moher, Liberati, Tetzlaff, Altman, & The PRISMA Group, 2009), conforme a Figura 1. Para o levantamento desta revisão sistemática da literatura foram consultadas as bases acadêmicas PubMed, LILACS e o Portal de Periódicos CAPES, realizado no mês de dezembro de 2019, através dos seguintes descritores: (*anxiety and ("soccer players" and "performance")*).

## 1.2 Resultados

Através da pesquisa nas bases acadêmicas de dados (PubMed, LILACS e o Portal de Periódicos CAPES), foram recuperados 97 artigos no total - PubMed (28 artigos), LILACS (3 artigos) e o Portal de Periódicos CAPES (66 artigos). As duplicadas foram eliminadas e os artigos foram avaliados por título e resumo quanto aos critérios de inclusão e elegibilidade. Dos 97 artigos encontrados nas bases de dados, haviam 18 artigos duplicados, restando para a primeira análise 79 artigos. Os artigos que avaliavam a ansiedade em jogadores de futebol foram incluídos nessa primeira análise. Em geral, a ansiedade não foi o único aspecto

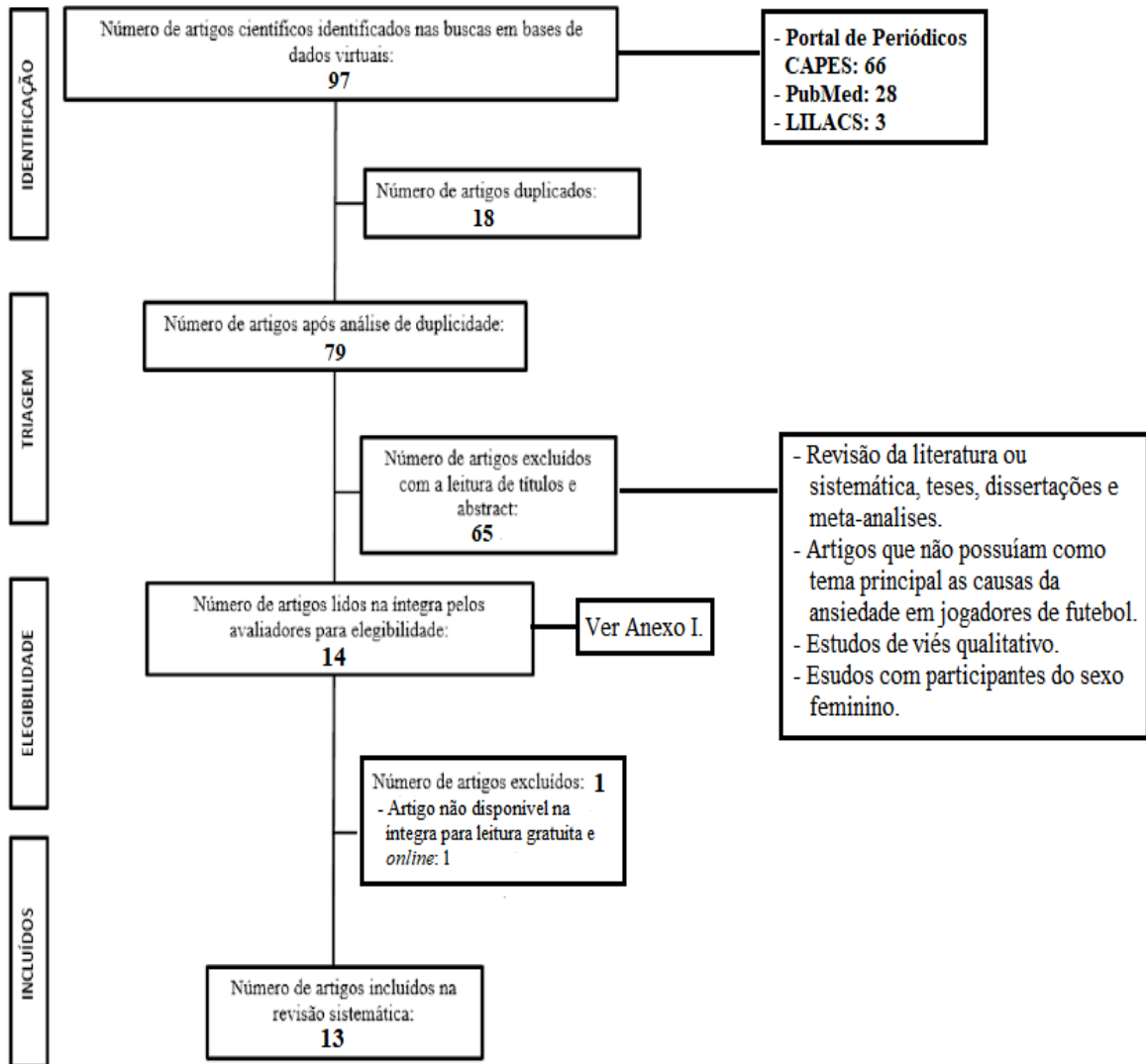
psicológico avaliado nos artigos, muitas vezes analisada junto a outros aspectos psicológicos, como por exemplo, os sintomas depressivos.

Após a busca na base de dados conforme descrito, foi elaborada uma tabela com todos os artigos encontrados nas bases de dados, contendo: título, autores, periódico, ano de publicação, idioma, tema central, objetivo do estudo, amostra, metodologia, instrumentos, resultados e conclusão. Após o preenchimento de toda a tabela, todos os artigos foram avaliados por três juízes quanto aos critérios de inclusão e exclusão, sendo considerados, por unanimidade, 14 artigos elegíveis dentro dos critérios pré-estabelecidos, como ilustra o Anexo 1. Em seguida, os artigos foram avaliados por meio da análise do texto completo. Apenas 1 (um) artigo (Mudimela, 2010) não se encontrava disponível online na íntegra gratuitamente para a leitura do texto completo, por este motivo foi excluído desta revisão. Diante disso, foram elegidos 13 artigos (Broadbent et al., 2018; Cano, Zafra, & Toro, 2010; Castro et al., 2018; Castro-Sánchez et al., 2019; Chell et al., 2003; De La Pena, Khoo, & Murray, 2010; Fernandez-Garcia et al., 2014; Fortes et al., 2018; Garcia-Mas et al., 2011; Horikawa & Yagi, 2012; Kang & Jang, 2018; Navia et al., 2019; Olmedilla, García, & Martínez, 2006) como resultado final.

Foram incluídos nessa revisão artigos empíricos dos periódicos (PubMed, LILACS e o Portal de Periódicos CAPES) que possuíam como tema principal a causa da ansiedade em jogadores de futebol masculinos, publicados nos últimos anos (2003 – 2019). Outras inclusões foram: o esporte precisa ser de nível competitivo, participantes adultos e/ou adolescentes, estudos de viés quantitativo e disponíveis online na íntegra. Foram considerados artigos nos idiomas inglês, espanhol e português.

Foram excluídos dessa revisão artigos de revisão da literatura ou sistemática, teses, dissertações, meta-análises, artigos que não possuíam como tema principal as causas da ansiedade em jogadores de futebol, estudos de viés qualitativo e não disponíveis online na íntegra. Os estudos com participantes do sexo feminino foram excluídos, pois acredita-se que esta realidade possui outros fatores que influenciam diretamente na ansiedade, como por exemplo, a diferença de investimento financeiro entre o futebol masculino e feminino, o preconceito ainda enfrentado pelas jogadoras de futebol e o período menstrual, necessitando-se assim, de estudos mais específicos.

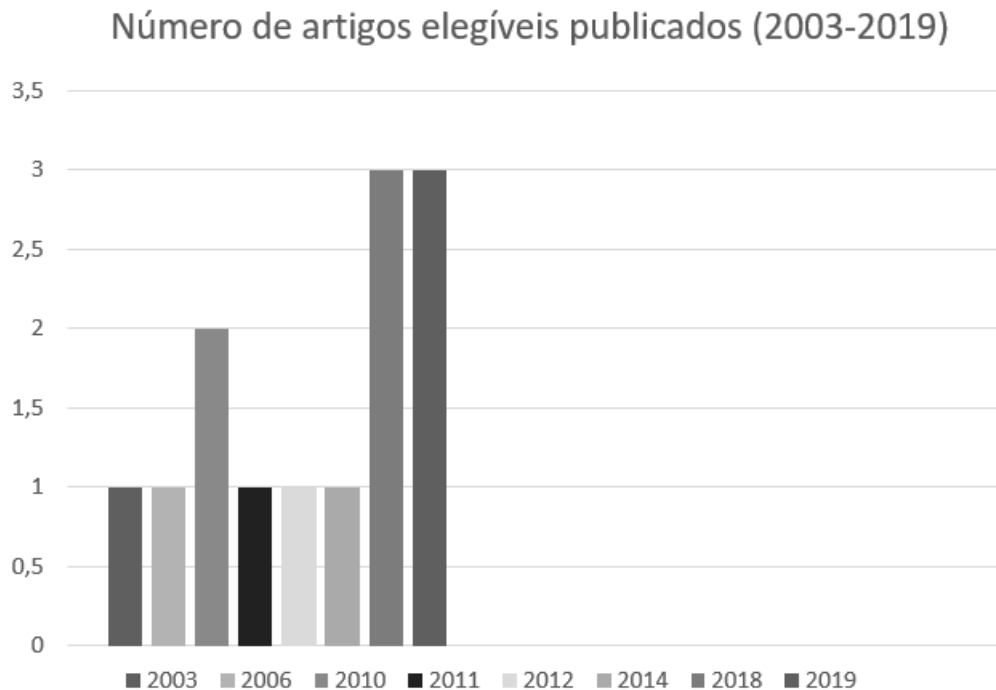
Figura 1 - Fluxograma do procedimento de seleção de artigos



Existem diversas pesquisas que investigam a ansiedade em atletas de alto rendimento, mas poucas pesquisas investigam e abordam qual a causa da ansiedade em atletas, em especial, em atletas de futebol (Broadbent et al., 2018; Cano, Zafra, & Toro, 2010; Castro et al., 2018; Castro-Sánchez et al., 2019; Chell et al., 2003; De La Pena, Khoo & Murray, 2010; Fernandez-Garcia et al., 2014; Fortes et al., 2018; Garcia-Mas et al., 2011; Horikawa & Yagi, 2012; Kang & Jang, 2018; Navia et al, 2019; Olmedilla, García, & Martínez, 2006). Nota-se que nos últimos nove anos (2010-2019) houve um aumento em publicações que abordam o tema. Entre os anos de 2003 e 2009 haviam apenas dois estudos que abordavam as causas da ansiedade em jogadores de futebol (Chell et al., 2003; Olmedilla, García, & Martínez, 2006). Já nos últimos anos (2010-2019) onze estudos foram publicados com esta temática (Broadbent et al., 2018; Cano, Zafra, & Toro, 2010; Castro et al., 2018; Castro-Sánchez et al., 2019; De La Pena, Khoo, & Murray, 2010; Fernandez-Garcia et al., 2014; Fortes et al., 2018;

Garcia-Mas et al., 2011; Horikawa & Yagi, 2012; Kang & Jang, 2018; Navia et al., 2019), conforme ilustrado na Figura 2.

Gráfico 1 - Quantidade de produção científica sobre as causas da ansiedade em jogadores de futebol no período 2003-2019



Fonte: a autora, 2020

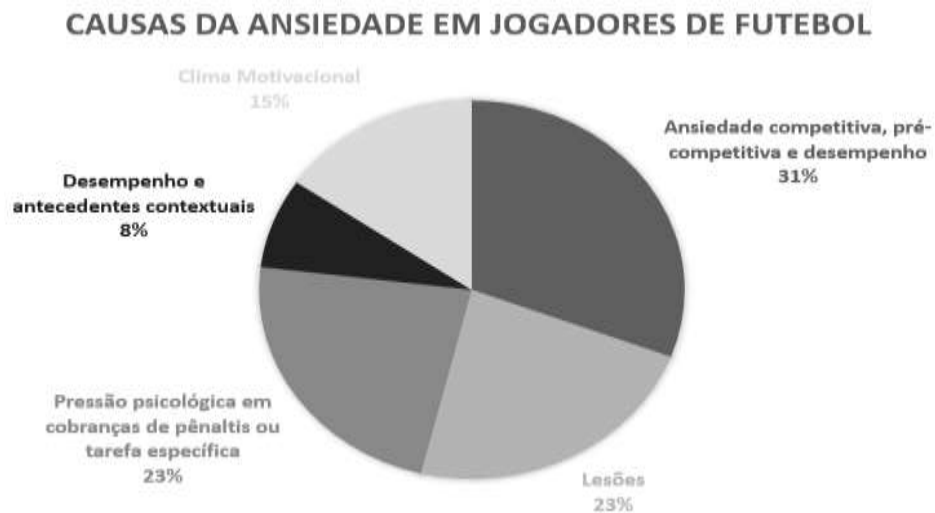
Com relação às temáticas centrais dos artigos elegíveis, observou-se que a maior causa de ansiedade em jogadores de futebol está relacionada à competição, pré-competição e com a *performance* que esse jogador poderá obter em uma partida (Castro et al., 2018; De La Pena, Khoo & Murray, 2010; Fortes et al., 2018; Kang & Jang, 2018), corroborando com o estudo de Marten e Landers (1990) que afirma que o evento mais estressor na vida de um atleta é a pré-competição.

Em seguida, as lesões esportivas aparecem como a causa desencadeadora da ansiedade em atletas (Cano, Zafra, & Toro, 2010; Fernandez-Garcia et al., 2014; Olmedilla, García, & Martínez, 2006). No esporte de rendimento, lesionar-se engloba muitos aspectos negativos, como por exemplo, a ruptura da rotina de treinos e competições e, em casos mais graves, procedimentos cirúrgicos e seus riscos. Weinberg e Gould (2001) expõem que medo e ansiedade são reações comuns ao atleta que experimenta o processo de lesão no esporte, há uma demasiada preocupação em relação à recuperação, ao retorno esportivo, de perder o lugar na equipe ou de se lesionar novamente.



Cobrar um pênalti ou realizar uma tarefa específica em um jogo de futebol, no geral, é sempre uma ação que pode ser decisiva e por este motivo ser desencadeadora de ansiedade para o jogador (Chell et al., 2003; Horikawa & Yagi, 2012; Navia et al., 2019). O clima motivacional e os antecedentes contextuais também são investigados nas causas de ansiedade em jogadores de futebol (Broadbent et al., 2018; Garcia-Mas et al., 2011; Castro-Sánchez et al., 2019).

Gráfico 2 - Causas da ansiedade em jogadores de futebol investigadas nos artigos elegíveis



Fonte: a autora, 2020

### 1.3 Discussão

Fortes et al. (2018) investigam o efeito da ansiedade competitiva na tomada de decisão de jogadores de futebol. Neste caso, a ansiedade competitiva está implicada à maneira pela qual o atleta percebe e responde situações de estresse. A pesquisa de Fortes et al. (2018) se baseia nos três componentes presentes na ansiedade: cognitivo, somático e autoconfiança (Martens, Vealey, & Burton, 1990).

Fortes et al. (2018) distinguem entre a ansiedade cognitiva e a ansiedade somática. A primeira (ansiedade cognitiva) está relacionada aos pensamentos e crenças negativas que o atleta constrói quanto à sua *performance*. Já a ansiedade somática resulta em sintomas fisiológicos manifestados pelo sistema nervoso. Consideram que a autoconfiança resulta da crença da capacidade de realização de determinada ação.

Fortes et al. (2018) concluem que a ansiedade cognitiva possui relação negativa com a *performance* no futebol. Os resultados desse estudo indicam que 20% das tomadas de

decisões relacionadas ao passe - a maneira que um jogador de futebol transfere a bola para um outro jogador de sua equipe dentro de campo - estão associados a perspectivas negativas. Sobre a ansiedade somática, os resultados indicam que pode haver uma queda do desempenho cognitivo na prática esportiva, 25% das tomadas de decisões relacionadas ao passe sofreram impacto, como o aumento da frequência cardíaca ou tensão muscular. A autoconfiança apresentou alteração em 14% das tomadas de decisões nas construções dos passes, concluindo que a autoconfiança é positiva para a *performance* esportiva.

De La Pena, Khoo e Murray (2010) enfatizam que é comum o atleta sentir sintomas de ansiedade no esporte competitivo. Nessas situações competitivas, esses sintomas podem acabar ocasionando um mau desempenho. Nesse sentido, a pesquisa de De La Pena, Khoo e Murray (2010) se concentra em investigar o quanto as imagens mentais podem auxiliar no desempenho e reduzir a ansiedade do atleta de futebol para a competição.

A coleta de dados na pesquisa realizada por Pena, Khoo, e Murray (2010) foi realizada minutos antes da partida, com os atletas inseridos no ambiente competitivo. Isso proporcionou ao estudo um alto índice de fidedignidade nas respostas. As técnicas de imagens mentais do estudo (Pena, Khoo, & Murray, 2010) estão conectadas ao sucesso paradoxal, ou seja, o atleta era convidado a imaginar o seu nervosismo e a sua ansiedade e a partir desse sentimento buscar soluções para se sentir mais confiante e menos ansioso. Essas práticas ocorreram duas vezes por semana. O estudo conclui que o incentivo aos atletas para falarem abertamente sobre os sintomas da ansiedade resultou na otimização do desempenho e os auxiliaram a entenderem melhor os sintomas de ansiedade que sentiam. No geral, os participantes relataram a importância de manterem um bom rendimento no esporte e que coletivamente as imagens os auxiliaram no desempenho esportivo, além de um melhor vínculo entre a equipe (Pena, Khoo, & Murray, 2010).

Kang e Jang (2018) salientam que a elevada ansiedade competitiva em atletas de futebol reduz a confiança e o desempenho na competição. A confiança possui fundamental importância na regulação da ansiedade cognitiva e da ansiedade fisiológica, os autores (Kang & Jang, 2018) relacionam esta temática com a questão dos jogos fora e jogos em casa. O jogo fora de casa ocorre quando uma equipe vai até a localidade do time adversário para realizar a competição, ocorrendo, em geral, no estádio pertencente ao time adversário. Já o jogo em casa é quando a equipe recebe o adversário para jogar em sua cidade, em geral, no seu próprio estádio e com sua própria torcida a favor.

É comum para a equipe que joga em casa possuir mais variáveis a seu favor, como por exemplo, o ambiente e o campo já familiarizados e a torcida a favor, além de não haver a

necessidade de deslocamento. Já a equipe chamada de visitante, isto é, a que joga fora de casa, precisa se relacionar com algumas adversidades como, cargas físicas e psicológicas muitas vezes causadas por longas viagens e um ambiente muito mais hostil da torcida adversária, além de não conhecer o ambiente da competição (Kang & Jang, 2018). Considera-se que o jogo fora de casa e o jogo em casa influenciem a ansiedade competitiva (Kang & Jang, 2018).

A pesquisa de Kang & Jang (2018) concluiu que a ansiedade competitiva influencia negativamente a confiança dos atletas de futebol. Complementam ainda, que os atletas de futebol que realizam a competição em casa possuem menor exposição ao estresse e à ansiedade, experimentando estados emocionais mais positivos. Já o time visitante é exposto a um maior nível de sintomas de ansiedade e estados emocionais negativos, resultando em um menor nível de confiança para a competição (Kang & Jang, 2018).

Castro et al. (2018) analisam a ligação entre autoeficácia e a ansiedade pré-competitiva com o desempenho esportivo de jogadores de futebol. A autoeficácia conceituada por Bandura (1994) é a capacidade de realizar determinada ação desejada. A pesquisa (Castro et al., 2018) aponta que jogadores mais velhos relatam um desempenho mais baixo do que jogadores mais novos, sendo a faixa etária uma variável que apresentou diferenças no estudo. Outro resultado encontrado é uma significância na construção da ansiedade cognitiva e da autoeficácia, reforçando a hipótese de que menores níveis de ansiedade refletem um maior nível de autoeficácia em esportistas competitivos (Castro et al., 2018).

Outra variável que pode influenciar a ansiedade de esportistas são as lesões. Cano, Zafra, & Toro (2010) reúnem diversos estudos que exaltam a importância do exercício físico e do esporte para a saúde física e mental como, por exemplo, na prevenção de doenças cardíacas e da osteoporose, na regulação da pressão arterial, na redução dos sintomas depressivos e ansiosos. Apesar disso, o instrumento de trabalho do esportista é o corpo humano, tornando-o mais vulnerável a lesões advindas da prática esportiva. Em geral, a lesão para o atleta é um fenômeno negativo, que envolve medo e ansiedade, como prejuízos na integridade física, perda de *status* na equipe, fim da carreira precoce e impacto financeiro (Cano, Zafra, & Toro, 2010).

Cano, Zafra e Toro (2010) estudaram uma amostra de 253 jogadores de futebol de uma liga espanhola juvenil, 80,6% desses jogadores sofreram lesão grave, muito grave, leve ou moderada até um ano anterior a pesquisa e dessa porcentagem, 23,7% sofreram lesão grave ou muito grave no mesmo período. O objetivo principal do estudo (Cano, Zafra, & Toro,

2010) foi relacionar as lesões em jogadores de futebol com as seguintes variáveis psicológicas: autoconfiança, ansiedade, concentração e desempenho.

Haviam dois grupos de jogadores: lesionados e não lesionados. Os resultados não apontaram diferenças estatísticas em relação às variáveis psicológicas. Entretanto, foram encontradas diferenças nas variáveis psicológicas como, ansiedade, autoconfiança e influência no desempenho nos atletas que sofreram lesões graves ou muito graves quando comparados aos atletas que sofreram lesões leves ou moderadas. Não houve influências encontradas na variável psicológica da concentração (Cano, Zafra, & Toro, 2010).

Os atletas que sofreram lesões graves ou muito graves relataram níveis mais altos de ansiedade e menor nível de autoconfiança. Esses atletas também foram afetados pela avaliação de seus desempenhos (Cano, Zafra, & Toro, 2010). Há um nível de ansiedade necessário para os atletas de futebol, que não deve ser nem muito alto e nem muito baixo, ou seja, o chamado nível ótimo de ansiedade, necessário para um bom desempenho esportivo. Níveis elevados de ansiedade mostraram maior frequência de lesões em jogadores de futebol (Cano, Zafra, & Toro, 2010).

Em outro estudo (Olmedilla, García, & Martínez, 2006) também foi analisada a influência de fatores psicológicos nas lesões de jogadores de futebol profissionais e semiprofissionais (n=278). Os resultados indicaram que fatores psicológicos podem se relacionar com o risco de lesões. Quando esses fatores psicológicos são melhores regulados pelos atletas há uma diminuição do índice de lesões. O estudo ainda encontrou um significativo resultado quanto à concentração. Os jogadores de futebol com maior capacidade de concentração se lesionavam menos do que os jogadores que demonstraram menor nível de concentração em seus desempenhos (Olmedilla, García, & Martínez, 2006).

Acredita-se que com o aumento do nível da ansiedade, o atleta tenha seus processos cognitivos prejudicados, impactando seu nível de concentração e aumentando o risco de lesões. As respostas mais relacionadas com a adesão de lesões esportivas foram a queda da concentração e o aumento da ansiedade (Olmedilla, García, & Martínez, 2006). Um apoio social insuficiente também está relacionado ao um maior índice de ansiedade e conseqüentemente em um maior risco de lesões. Já os níveis mais elevados de apoio social auxiliam na regulação dos sintomas de ansiedade, proporcionando ao atleta maior confiança e atuando na prevenção dos riscos (Olmedilla, García, & Martínez, 2006).

Fernandez-Garcia et al., (2014) apesar de não terem encontrado resultados estatísticos significantes em seu estudo sobre a relação da ansiedade estado/traço, a posição do jogador de futebol em campo e a aderência de lesões esportivas, reforçam a importância de um

acompanhamento amplo ao jogador, visando amparar as esferas física, técnica, tática e psicológica. Os fatores psicológicos possuem grande importância nos riscos e prevenções das lesões, mas eles não são os únicos. É preciso atentar-se a um bom programa de prevenção física, ao fator da idade e a uma boa alimentação (Fernandez-Garcia et al., 2014).

Além de lesionar-se, outro processo que pode causar ansiedade em jogadores de futebol é realizar uma tarefa específica, principalmente quando realizada sob pressão. As pressões podem partir de terceiros que convivem no mesmo contexto social ou do próprio atleta que talvez se sinta na obrigação de realizar tal tarefa, por vezes considerada fácil para um jogador que possui treinamento diário naquela especificidade. Navia et al. (2019) investigaram o quanto um treinador de futebol pode influenciar nas ações de seus jogadores quando estão sob pressão.

O estudo de Navia et al. (2019) ocorreu por meio de um experimento de chutes de pênaltis – consiste em um chute livre com distância de 11 metros do gol, defendido somente pelo goleiro. Primeiramente, os atletas foram submetidos a um questionário que objetivava medir a autoconfiança e a ansiedade. A seguir, o experimento se baseava em dois grupos de jogadores que precisavam executar a tarefa de chutar um pênalti, um grupo executou a tarefa sob pressão psicológica e outro grupo sem a pressão.

Os resultados do estudo (Navia et al., 2019) apontaram que o grupo de jogadores que exerceu a tarefa sob pressão (sob avaliação da equipe) converteu menor quantidade de pênaltis em relação ao grupo não pressionado. Além de converter menor quantidade de pênaltis, os jogadores que sofreram pressão também direcionaram os chutes a uma altura baixa. A redução da autonomia foi comparada ao aumento do nível de ansiedade desses atletas e conseqüentemente, uma minimização do desempenho.

Horikawa e Yagi (2012) também investigaram a relação entre ansiedade-traço, ansiedade-estado e a *performance* nas cobranças de penalidades sob pressão. É comum que jogadores se sintam tensos e/ou ansiosos para executar a batida de pênalti, o que pode ocasionar o insucesso da ação. A ativação da ansiedade é fundamental para a execução desta ação, mas se é elevada demais, a *performance* é prejudicada.

O estudo (Horikawa & Yagi, 2012) objetivou verificar como ansiedade-traço influencia a ansiedade-estado em disputas de pênaltis. Os resultados apontaram que a pressão pelo sucesso na tarefa de pênaltis elevou o nível de ansiedade do jogador, trazendo impacto negativo para a execução da tarefa. Os autores (Horikawa & Yagi, 2012) ainda enfatizam a necessidade de treinadores avaliarem como seus jogadores lidam com a pressão na realização de tarefas, o que pode ser crucial para um bom desempenho.

O experimento de Chell et al. (2003) prevê que jogadores de futebol realizem uma tarefa que consistia em chutar uma bola na parede em direção a um alvo, sob pressão. A aplicação de uma escala de reinvestimento foi aplicada, tinha por objetivo avaliar falhas de ações, como também abordar falhas cognitivas e medir o controle emocional. Quanto a ansiedade, os resultados apontam que ela está relacionada à pressão sofrida pelos jogadores. O grupo que se encaixou em alto reinvestimento aumentou a ansiedade quando foi exigido um alto desempenho. Ocorreu uma queda de desempenho nos atletas sob pressão em comparação aos que se encaixaram em baixo reinvestimento (Chell et al., 2003).

Além dos fatores e causas aqui descritas, o clima motivacional pode estar altamente relacionado com a ansiedade e com o desempenho dos jogadores de futebol. Garcia-Mas et al. (2011) investigaram a relação entre a ansiedade competitiva e o clima motivacional em jogadores de futebol e como os treinadores percebiam esse impacto no rendimento esportivo de seus atletas. O clima motivacional é definido pelas relações com treinador, família, amigos e outros membros do convívio social. Um clima motivacional orientado para a tarefa é aquele que preconiza a otimização e o domínio em determinada ação, já o clima motivacional orientado para o ego se relaciona a maior demonstração de desempenho perante aos outros (Garcia-Mas et al., 2011; Monteiro et al., 2014).

Os resultados apontam que os níveis de clima motivacional orientado para o ego se relacionam com níveis mais altos de ansiedade cognitiva, promovendo preocupação, comparações sociais e julgamentos de sucesso. Os treinadores que contribuem para um clima motivacional orientado ao ego tendem a prestar reforços positivos aos atletas que se mostram mais habilidosos e utilizar punições aos atletas com menor desempenho (Garcia-Mas et al., 2011). Os sintomas da ansiedade em relação ao desempenho aparecem manifestados em grande significância em sintomas cognitivos e não em sintomas somáticos (Garcia-Mas et al., 2011).

Já Castro-Sánchez et al. (2019) estudaram uma amostra de jovens jogadores de futebol para relacionar motivação e ansiedade. A função dos treinadores de futebol é fundamental para a promoção do clima motivacional, podendo também influenciar na frequência de sintomas de ansiedade, conseqüentemente. Quanto aos níveis de ansiedade-estado, Castro-Sánchez et al. (2019) verificaram que seis em cada dez atletas apresentaram níveis médios de ansiedade e três a cada dez atletas apresentam nível grave de ansiedade. Quanto ao clima motivacional, os resultados apontam que o clima motivacional orientado à tarefa se relaciona com níveis médios de ansiedade, na percepção dos atletas. Para os atletas, um clima motivacional orientado à tarefa proporciona um menor nível de ansiedade, pois o foco está na

superação. Já o clima motivacional direcionado ao ego, a ansiedade é percebida com níveis mais elevados, pois o foco está em fatores externos, onde o atleta não pode controlar (Castro-Sánchez et al., 2019).

Por último, o estudo de Broadbent et al. (2019) investigou que atletas de elite poderiam se beneficiar de informações ambientais antecipadamente para prever comportamentos futuros dentro do jogo de futebol e se esses antecedentes contextuais envolveriam alterações nos níveis de ansiedade. Mesmo com algumas limitações e necessitando de novos estudos sobre o tema, concluiu-se através de uma tarefa que utilizava antecipação de ações do futebol através de vídeo, que a ansiedade teve impacto negativo no processamento, mas não no desempenho, pois os antecedentes contextuais foram capazes de auxiliar a força mental exigida na tarefa. Neste caso, a ansiedade foi prejudicial na relação dos antecedentes contextuais e os processos atencionais (Broadbent et al., 2018).

A competição é um evento suscetível aos sintomas de ansiedade para um atleta de alta *performance*. A partir dela, pode-se criar pensamentos advindos das pressões e das exigências que a competição impõe, impactando diretamente no comportamento do atleta, que no esporte é definido como o desempenho. Em especial, a ansiedade cognitiva possui alto índice de prejuízos aos atletas de futebol de elite (Castro et al., 2018; De La Pena, Khoo, & Murray, 2010; Fortes et al., 2018; Kang & Jang, 2018).

Outros estudos apontam a presença da ansiedade em jogadores de futebol em causas relacionadas a lesões esportivas, para realizar uma tarefa motora específica sob pressão ou ao clima motivacional (Cano, Zafra, & Toro, 2010; Castro-Sánchez et al., 2019; Chell et al., 2003; Fernandez-Garcia et al., 2014; Garcia-Mas et al., 2011; Horikawa & Yagi, 2012; Navia et al., 2019; Olmedilla, García, & Martínez, 2006). Nos artigos elegíveis deste estudo não há uma temática central que relacione a causa da ansiedade com a liderança exercida pelo treinador, mas Olmedilla, García & Martínez (2006) discutem a importância e referência que o apoio social pode exercer no desempenho do atleta de futebol. Broadbent et al. (2019) ao investigarem a relação da ansiedade com antecedentes contextuais em jogadores de futebol, precisam manipular a ansiedade em seu experimento e realizam essa manipulação dizendo aos jogadores que a *performance* deles seria gravada e avaliada por seus treinadores. Navia et al. (2019) também expõem que a pressão por resultados exercida por terceiros pode ter impacto crucial no desempenho.

As persuasões sociais podem influenciar a ansiedade e a autoconfiança dos atletas em suas modalidades. As persuasões sociais são julgamentos verbais acerca das capacidades dos atletas, transmitidas por terceiros, como por exemplo, pelo treinador esportivo. As persuasões

sociais podem ser elogios ou críticas. Se positivas, podem encorajar; já as negativas podem promover frustração, enfraquecer as crenças de autoeficácia e promover crenças negativas nos atletas em relação às suas capacidades (Wolff, 2015).

Há uma carga cultural e política dentro de cada clube de futebol, que nem sempre tornam as relações interpessoais favoráveis nesse meio. Um jogador de futebol de alto nível precisa demonstrar uma *performance* excelente a todo momento, pois caso o contrário poderá perder seu lugar no time. Um treinador exige o mesmo sucesso de seus atletas ou poderá perder seu emprego. A maneira que dirigentes, treinadores e atletas se relacionam com isso definirá muito sobre o bem-estar emocional de todos os envolvidos nesse processo (Weinberg & Gould, 2001; Wolff, 2015).

#### 1.4 Em síntese

Em sua maioria, os estudos aqui revisados e o futebol, em geral, se preocupam com a ansiedade e as consequências de seus sintomas nos jogadores de futebol, pois o futebol é movido por desempenho (Broadbent et al., 2018; Cano, Zafra, & Toro, 2010; Castro et al., 2018; Castro-Sánchez et al., 2019; Chell et al., 2003; De La Pena, Khoo, & Murray, 2010; Fernandez-Garcia et al., 2014; Fortes et al., 2018; Garcia-Mas et al., 2011; Horikawa & Yagi, 2012; Kang & Jang, 2018; Navia et al., 2019; Olmedilla, García, & Martínez, 2006). Castro-Sánchez et al. (2019) refletem que jovens jogadores de futebol possuem extrema preocupação em exercer as tarefas propostas por seus treinadores, deixando em segundo plano o prazer e a diversão. Ponto preocupante já que o esporte deve ser um promotor de saúde mental, principalmente em idades mais tenras.

Nos últimos anos, muitos clubes de futebol já possuem inseridos em suas comissões técnicas um profissional de psicologia, que há como uma de suas principais atribuições promover saúde emocional dentro da prática esportiva e mediar as relações entre atletas e profissionais (Weinberg & Gould, 2001). Esses profissionais podem auxiliar na regulação dos sintomas de ansiedade relacionados a prática esportiva (Pujals & Vieira, 2002). Muitos estudos já investigam as manifestações estressoras em atletas de futebol, como por exemplo, a ansiedade (Broadbent et al., 2018; Cano, Zafra, & Toro, 2010; Castro et al., 2018; Castro-Sánchez et al., 2019; Chell et al., 2003; De La Pena, Khoo, & Murray, 2010; Fernandez-Garcia et al., 2014; Fortes et al., 2018; Garcia-Mas et al., 2011; Horikawa & Yagi, 2012; Kang & Jang, 2018; Navia et al., 2019; Olmedilla, García, & Martínez, 2006). Mas há uma



lacuna aberta, quando se trata das relações sociais no esporte e sua relação com essas manifestações estressoras.

As relações podem auxiliar ou prejudicar o bem-estar emocional e a autoeficácia (Bandura, 1994; Wolff, 2015). Nesse sentido, existe uma justificativa relevante de se produzir estudos que levem em consideração sintomas emocionais relacionados com as relações dentro do ambiente esportivo. Ao final dessa revisão, considera-se que a questão pretendida de se investigar as causas da ansiedade em jogadores de futebol foi respondida. Os estudos apontaram para a ansiedade competitiva ou pré-competitiva, as lesões, a execução de tarefa específica sob pressão, ao clima motivacional e aos antecedentes contextuais como achados relacionados a sintomas de ansiedade em jogadores de futebol de campo.

## 2 ESTUDO 2 - ESTILOS DE LIDERANÇA DO TREINADOR E A INFLUÊNCIA DA ANSIEDADE NA PERCEPÇÃO DE ATLETAS DE FUTEBOL

### 2.1 Liderança

A liderança está presente em qualquer grupo social. No âmbito administrativo e empresarial a liderança é considerada fundamental, pois é dessa maneira que se pode executar uma boa gestão de pessoas. Esse fenômeno social é definido por Barrow (1977) como um processo interacional que influencia indivíduos e/ou grupos acerca dos comportamentos com o objetivo de se alcançar as metas desejáveis.

Weinberg e Gould (2001) diferenciam o comportamento do líder e o comportamento do dirigente. De acordo com eles, um dirigente está preocupado apenas em organização, orçamento, delegação de funções, planejamentos e contratações. Já um líder, precisa dirigir o indivíduo ou o grupo em direção a suas metas, tomando decisões, ouvindo e prestando *feedbacks*, ser comunicativo e proporcionar confiança.

Em geral, há duas maneiras de se eleger um líder. Primeiro, um líder pode surgir no grupo naturalmente e acabar assumindo esse lugar. Ou, são eleitos ou designados por alguém (ou instituição) com autoridade para essa nomeação. Acredita-se que a construção da personalidade, os comportamentos e o ambiente contribuem para a construção de um líder (Weinberg & Gould, 2001).

Três abordagens estudam características da liderança, são elas: abordagem traço, abordagem comportamental e abordagem interacional (Weinberg & Gould, 2001). A abordagem traço é definida como uma tendência da personalidade, ou seja, um aspecto estável. A abordagem traço não costuma possuir relevância nos estudos de liderança, pois apesar de esses traços contribuírem para a construção da liderança, eles não são a garantia de êxito para liderar (Spielberger, 1972). Já a abordagem comportamental, acredita que as características do líder podem ser aprendidas por qualquer pessoa. Por último, a abordagem interacional não acredita que apenas um conjunto de características seja responsável por uma liderança efetiva. A principal premissa da abordagem interacional é que a eficácia da liderança é conquistada a partir de uma interação entre as características do líder em conjunto com as características situacionais (Weinberg & Gould, 2001).

Chiavenato (2003) define as teorias da liderança como estilos de comportamentos que os líderes exercem sobre os liderados, ou seja, o seu comportamento de liderar. Dentre os

principais tipos de liderança, as mais estudadas são: autocrática, democrática e liberal (*laissez-faire*).

A liderança autocrática concentra todo o poder no comportamento do líder, as decisões são centralizadoras, sem opiniões e participações do grupo. Em geral, há uma boa produtividade de tarefas, mas pode-se perder na qualidade, além das relações não serem satisfatórias (Chiavenato, 2003). Na liderança democrática, o líder propõe poder de escuta para tomar as decisões a partir das interações com o grupo. Características como comunicação e comprometimento pessoal definem também a liderança democrática, já que os liderados desenvolvem uma relação interpessoal com o líder e no geral possuem um bom grau de satisfação (Chiavenato, 2003). Por fim, o estilo de liderança nomeado de *laissez-faire*, permite que os liderados tomem decisões com ampla liberdade, sem quaisquer intervenções do líder. Se por um lado, pode-se ganhar liberdade de criatividade e fazer com que os liderados se sintam confiantes por poderem tomar suas próprias decisões, por outro, há uma preocupação, pois, a falta de um líder mais presente e orientador pode comprometer o rendimento das tarefas (Chiavenato, 2003).

Diante disso, percebe-se que os estilos de liderança possuem pontos positivos e negativos, tanto para o desenvolvimento da tarefa, quanto para as relações interpessoais. Este fato corrobora que uma liderança eficaz deve sempre estar atenta aos fatores circunstanciais, às características dos liderados e às condições ambientais. O líder quando está direcionado ao relacionamento social, desenvolve bons relacionamentos interpessoais. Já quando está direcionado à tarefa, consegue estabelecer boas metas e boa produtividade. É importante que todo o cenário seja analisado pelo líder para que o melhor estilo de liderança seja aplicado e a partir disso, ele possa adaptar seu estilo às situações (Weinberg & Gould, 2001).

## **2.2 Liderança do treinador de futebol**

Na rotina de treinamentos de um time de futebol, o treinador da equipe é a referência máxima para seus atletas. A partir de seus comandos, a equipe recebe orientações e ensinamentos técnicos e táticos. Além disso, é importante que o treinador estabeleça um bom vínculo, que transmita motivação e confiança em direção as metas e objetivos a serem alcançados (Costa, Samulski, & Marques, 2006). Para esses autores, a maneira que o treinador de futebol transmite confiança para o grupo de atletas pode ser fundamental para o alcance do sucesso. Ele tem a possibilidade de realizar intervenções antes, durante e após uma partida, que é o momento mais importante para o alcance de resultados no futebol. A sua forma de

liderar pode direcionar comportamentos que alcancem ou que atrapalhem o sucesso de sua equipe (Costa, Samulski, & Marques, 2006).

Santos e Rodrigues (2008) analisaram a instrução do treinador de futebol aos seus atletas, fazendo uma comparação com a preleção e competição. A preleção é o momento que antecede uma partida oficial de futebol, é nesse momento que o treinador repassa todas as instruções e orientações à sua equipe acerca do jogo que será disputado. Em geral, a preleção tem um objetivo técnico e tático, quanto motivacional também. O estudo (Santos & Rodrigues, 2008) avaliou 12 preleções e 12 competições, observando 6 treinadores de futebol de times masculinos portugueses. Os resultados apontaram uma congruência dos treinadores entre o nível de expectativa e o nível de instrução acerca da preleção e da competição, ou seja, havia uma conformidade entre as variáveis cognitivas e as variáveis comportamentais (Santos & Rodrigues, 2008).

Os resultados encontrados no estudo de Costa, Samulski e Marques (2006) indicam que os treinadores envolvidos adotam o estilo de liderança autocrática, além de comportamentos relacionados ao treino-instrução, em sua maioria. Esse estudo (Costa, Samulski, & Marques, 2006) foi realizado com treinadores do Campeonato Mineiro, no ano anterior (2005). Já a nível mais amplo, Costa e Samulski (2006) analisaram o perfil de liderança dos treinadores do Campeonato Brasileiro de 2005 da primeira divisão. Os resultados também apontaram um predomínio do estilo de liderança autocrático, comportamentos que envolviam condutas educativas e instrução direcionada aos atletas também se mostraram relevantes (Costa & Samulski, 2006).

Apesar de a maior parte dos treinadores brasileiros adotarem um perfil de liderança mais autocrática do que democrática (Costa & Samulski, 2006) e esse estilo trazer teoricamente benefícios aos resultados almejados, é preciso atentar-se, pois, o estilo de liderança autocrática pode transmitir aos atletas uma maior vulnerabilidade dos sintomas de *burnout* (Becker-Júnior, 2002; Henschen & Statler, 2002). A adoção do estilo de liderança autocrático ser adotado em maior número por treinadores de futebol, pode-se justificar pelas cobranças exacerbadas de dirigentes, mídias e torcidas (Becker-Júnior, 2002). A dificuldade é de conseguir modular o estilo do treinador a respeito de suas características pessoais e de personalidade. Esse pode ser um fator que dificulte essa meta de adotar uma liderança autocrática.

Por fim, Costa, Samulski e Marques (2006) enfatizam a necessidade de se realizar estudos que analisem o estilo de liderança do treinador não apenas pela autopercepção deles próprios, mas também pela percepção dos atletas de futebol, sendo possível desta maneira

investigar preferências e prejuízos relacionados a cada estilo de liderança. Complementam ainda, a importância de levar em consideração que com o passar do tempo, treinadores podem modificar seus estilos de liderança conforme as necessidades encontradas, não sendo esse um traço inteiramente relacionado à personalidade (Costa, Samulski, & Marques, 2006).

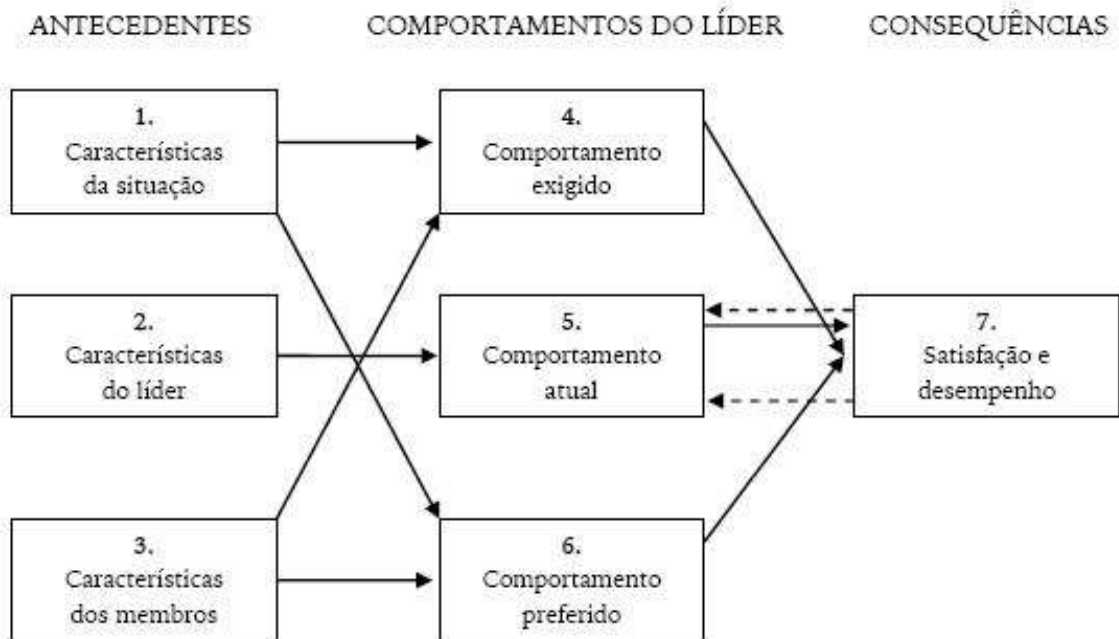
### **2.3 Modelo Multidimensional de Liderança no Esporte**

O Modelo Multidimensional de Liderança no Esporte desenvolvido por Chelladurai (1989) surge para explicar o fenômeno da liderança no meio esportivo, até então discutido apenas em âmbitos empresariais. Esse modelo leva em consideração que as características do líder, as características dos atletas e a situação determinam o estilo a ser adotado pelo líder, ou seja, a interação entre líder e indivíduos (treinador e atletas) juntamente com as variáveis circunstanciais definirão o estilo de liderança para aquela equipe.

No Modelo Multidimensional de Liderança no Esporte (Figura 4), há três características chamadas de antecedentes, são elas: as características da situação, as características do líder e as características dos membros. Essas características são chamadas de antecedentes, uma vez que, podem levar a três tipos de comportamentos do líder, são eles: comportamento exigido, comportamento atual e comportamento preferido (Chelladurai, 1989; Weinberg & Gould, 2001).

Uma determinada situação leva o líder a se comportar de maneira específica frente aos seus atletas, e de acordo com a organização e com as normas estabelecidas. O comportamento atual do líder são os comportamentos que o líder demonstra, esses comportamentos estão inteiramente ligados ao antecedente chamado de características do líder. O comportamento atual do líder está relacionado a traços da personalidade, as experiências, as capacidades técnicas e táticas, pelas preferências do grupo e pela situação presente. Já o comportamento preferido do líder se refere às ações que o grupo gostaria que o líder adotasse para liderar, isto é, os membros podem preferir que o líder se manifeste de forma autocrática, democrática, com apoio social, entre outros estilos de liderar. Esse fator está ligado diretamente ao antecedente chamado de características dos membros, pois, envolvem traços das personalidades dos liderados e suas preferências de comportamentos do líder (Chelladurai, 1989; Weinberg & Gould, 2001).

Figura 2 - Modelo Multidimensional de Liderança no Esporte



Fonte: Chelladurai, 1989

De modo geral, o Modelo Multidimensional de Liderança no Esporte indica que a satisfação e o desempenho são alcançados quando o comportamento exigido, o comportamento atual e o comportamento preferido do líder são congruentes, sendo afetados diretamente pelos comportamentos antecedentes (Chelladurai, 1990; Weinberg & Gould, 2001). É importante reiterar que no Modelo Multidimensional de Liderança no Esporte satisfação e desempenho são inseparáveis, o que leva a reflexão da importância da saúde mental e da autorrealização no alcance da *performance*.

#### 2.4 Escala de Liderança para o Esporte

A Escala de Liderança para o Esporte (LSS - *Leadership Scale for Sports*) foi desenvolvida por Chelladurai e Saleh (1980), com base no Modelo Multidimensional de Liderança no Esporte. Em sua versão original, a LSS é composta por três versões: uma para medir a preferência dos atletas quanto aos comportamentos de seus treinadores (versão preferências), uma para medir o comportamento atual dos treinadores na percepção dos atletas e ainda (versão percepção), uma de autoavaliação dos treinadores (versão autopercepção) sobre seus próprios comportamentos (Weinberg & Gould, 2001).

A LSS avalia cinco dimensões relacionadas à forma de liderar do treinador esportivo, são elas: treino-instrução, comportamento democrático, comportamento autocrático, apoio social e *feedback* positivo. O treino-instrução envolve liderança facilitadora e voltada para a

otimização de desempenho, habilidades, técnicas e estratégias. O comportamento democrático consente que o grupo de atletas faça parte das decisões relacionadas ao desempenho. O comportamento autocrático é um comportamento centralizador do líder para tomar decisões, toda a autoridade está concentrada no treinador e os atletas não possuem qualquer participação nas tomadas de decisões. O apoio social se direciona a interações afetuosas e motivacionais na relação treinador-atleta. Tais interações são independentes dos resultados de desempenho, se estendendo para o âmbito extra esportivo. O *feedback* positivo está relacionado ao condicionamento de reforço, isto é, recompensas e elogios são fornecidos pelo líder quando há uma boa *performance* dos atletas, restrito ao âmbito esportivo e inteiramente dependente do desempenho (Chelladurai & Saleh, 1980; Weinberg & Gould, 2001).

#### 2.4.1 Validação para o contexto brasileiro

A LSS foi validada em diversos países, como Grécia, França, Japão e Suécia. Também foi traduzida e adaptada para aplicação em Portugal, onde o instrumento foi nomeado Escala de Liderança no Desporto – ELD (Gomes, 2005; Serpa et al., 1989). A partir dos estudos já citados (Chelladurai, 1989; Chelladurai & Saleh, 1980; Serpa et al., 1989), Gomes (2005) desenvolveu e validou o instrumento chamado Escala Multidimensional de Liderança no Desporto (EMLD). Barale (2009) validou para o contexto brasileiro a versão comportamentos atuais da EMLD, versão esta que foi utilizada nesse estudo. Hernandez e Voser (2012) validaram a versão da ELD para o contexto brasileiro, na versão preferências dos atletas. Não foram encontrados estudos validando para o contexto brasileiro a versão de autoavaliação de treinadores. Todos esses instrumentos possuem base no Modelo Multidimensional de Liderança no Esporte (Chelladurai, 1989).

A EMLD é uma escala que possui 28 itens com afirmações sobre o comportamento do treinador esportivo que devem ser respondidas em uma escala Likert de 1 a 5 pontos. Esses itens são analisados através de seis categorias: “*feedback*” positivo (itens 1, 6, 15, 25), motivação/inspiração (itens 5, 10, 14, 21, 22, 23, 24, 27), apoio social (itens 3, 9, 17, 19, 20), democrático (itens 2, 8, 16), “*laissez-faire*” (itens 4, 12, 13, 18, 26) e “*feedback*” negativo (itens 7, 11, 28) – (Gomes, 2005).

Para iniciar o processo de validação da EMLD para o contexto brasileiro, primeiramente, Barale (2009) realizou a análise semântica do instrumento através de oito juízes. O processo de validação seguiu com 290 participantes de diferentes modalidades esportivas, dos gêneros feminino e masculino. A confiabilidade dos 28 fatores foi calculada,

além de uma análise fatorial. Em primeira análise das seis categorias (“*feedback*” positivo, motivação/inspiração, apoio social, democrático “*laissez-faire*” e “*feedback*” negativo), apenas a categoria “*laissez-faire*” não indicou o índice de confiança satisfatória, sendo eliminada. Após análise psicométrica final, a escala ficou estruturada em 24 itens, ou seja, quatro itens foram excluídos (Tabela 1).

Tabela 1. Itens excluídos da EMLD – versão comportamentos atuais, no processo de validação para o contexto brasileiro

<b>Itens Excluídos</b>
4. Evita se envolver quando os assuntos se tornam delicados ou sérios demais
12. Evita buscar soluções alternativas para os problemas
13. Evita tomar decisões
14. Age com o objetivo de conseguir o meu respeito

Fonte: Adaptado de Barale, 2009

A versão final também teve os itens reorganizados em três categorias: “Liderança motivadora/inspiradora e positiva contingente”, “*Feedback* negativo” e “Liderança por relacionamento informal/apoio social e afetivo”. A categoria “*feedback*” negativo foi mantida com todos os seus itens. Já as categorias, “Liderança motivadora/inspiradora e positiva contingente” e “Liderança por relacionamento informal/apoio social e afetivo” ainda possuem significados relacionados a motivação/inspiração e ao apoio social (Barale, 2009).

Diante disso, em virtude de o processo de validação da EMLD (na versão comportamentos atuais, respondido pelos atletas) para o contexto brasileiro ter sido realizado, considera-se que o uso desse instrumento para o presente trabalho tenha alcançado um mínimo de rigor acadêmico e foi utilizada para aferir os estilos de liderança dos treinadores. A confiabilidade dos fatores foi realizada através do *Alpha de Cronbach*, resultando o seguinte índice de confiabilidade: fator 1 (0,79), fator 2 (0,81) e fator 3 (0,81), todos considerados satisfatórios. Deste modo, conclui-se que a versão final adaptada para três fatores aponta a melhor configuração quanto às propriedades psicométricas (Barale, 2009).

## 2.5 Liderança do treinador e ansiedade na percepção de atletas

Na literatura existem diversos estudos que abordam a influência da ansiedade (Bartholomeu et al., 2010; Gonçalves & Belo, 2007; Santos & Pereira, 1997; Scanlan & Passer, 1978) e da liderança (Brandão & Carchan, 2010; Chelladurai & Saleh, 1980;



Chelladurai, 1984; Riemer & Chelladurai, 1995; Costa, Samulski, & Marques, 2006; Lopes, 2008; Sonoo, Hoshino, & Vieira, 2008; Costa, Samulski, & Costa, 2009; Garcia, 2013; Gjesdal, Stenling, Solstad, & Ommundsen, 2019) no contexto esportivo, mas há uma escassez de estudos que investigam a influência do estilo de liderança do treinador na ansiedade de desportistas. Muitos desses estudos analisam o perfil de liderança do treinador e a influência desse perfil nos membros da equipe. Outros investigam as respostas de ansiedade dos atletas às situações estressoras que o ambiente esportivo proporciona, mas não relacionam o comportamento do líder a essas respostas. Este cenário corrobora com a necessidade de desenvolver estudos que investiguem se o perfil do treinador pode aumentar ou diminuir sintomas de ansiedade em atletas de uma equipe.

## 2.6 Objetivos

### 2.6.1 Objetivo geral

Identificar se há associação entre o estilo de liderança do treinador nos níveis de ansiedade de atletas das categorias de base sub-20 de clubes de futebol masculino do Rio de Janeiro.

### 2.6.2 Objetivos específicos

- a) Identificar tipos de liderança dos treinadores a partir da percepção dos atletas.
- b) Identificar os níveis de ansiedade dos atletas.
- c) Correlacionar a influência do tipo de liderança do treinador com a ansiedade, percebida pelos atletas.
- d) Comparar os dados sociodemográficos com o nível de ansiedade dos atletas.

## 2.7 Hipótese

Como analisado, a ansiedade é um estado emocional presente na prática esportiva, sendo o ideal haver uma regulação de seu nível ótimo, ou seja, nem exacerbada e nem inexistente (Broadbent et al., 2018; Cano, Zafra, & Toro, 2010; Castro et al., 2018; Castro-Sánchez et al., 2019; Chell et al., 2003; De La Pena, Khoo, & Murray, 2010; Fernandez-Garcia et al., 2014; Fortes et al., 2018; Garcia-Mas et al., 2011; Horikawa & Yagi, 2012;

Kang & Jang, 2018; Navia et al., 2019; Olmedilla, García, & Martínez, 2006). O treinador de futebol é uma figura de liderança para os atletas, seus comportamentos e estilos de liderar podem refletir em um bom ou mau desempenho e satisfação pessoal dos liderados. Em geral, a figura do treinador é de extrema referência para seus atletas, principalmente para jovens atletas. Naturalmente, o treinador de futebol realiza avaliações sobre seus atletas, sejam elas negativas ou positivas. Essa relação pode fortalecer ou enfraquecer a autoeficácia (Bandura, 1994; Wolff, 2015). Desta maneira, considerando os resultados dos estudos sobre ansiedade e liderança no esporte e a lacuna aberta para estudos que correlacionem as duas variáveis, o presente estudo propõe a hipótese de que os estilos de liderança de treinadores percebidos pelos atletas podem influenciar os sintomas de ansiedade nos mesmo atletas.

## 2.8 Método

### 2.8.1 Participantes

Participaram deste estudo 50 atletas de futebol do sexo masculino, das categorias de base sub-20 de futebol de quatro diferentes clubes do Rio de Janeiro, com idades entre 18 a 20 anos ( $M = 18,62$ ;  $DP = 0,70$ ). O número total de participantes para a pesquisa era de  $n = 60$ , mas devido a erros de preenchimentos das medidas, 10 participantes foram descartados.

### 2.8.2 Medidas

Três medidas foram utilizadas para realizar o presente estudo, são elas: um questionário sociodemográfico, a fim de obter dados pessoais e da vida esportiva dos atletas; a Escala Multidimensional de Liderança no Desporto (EMLD), na versão comportamentos atuais (Gomes, 2005 adaptado Barale, 2009) e o Inventário Beck de Ansiedade (Cunha, 2001).

- a) Questionário Sociodemográfico (Anexo VI) – coleta de informações básicas, como dados pessoais, da vida esportiva e social.
- b) Escala Analógica (Questionário Sociodemográfico – Anexo VI) – Complementando o questionário sociodemográfica, uma régua de 0 a 10 centímetros, a fim de obter uma percepção subjetiva da ansiedade do atleta em relação ao estilo de liderança do treinador.

- c) Escala Multidimensional de Liderança no Desporto – EMLD (Anexo VII) – a Escala Multidimensional de Liderança no Desporto (Gomes, 2005) é um instrumento validado na língua portuguesa que objetiva avaliar os comportamentos do líder em versão para os atletas e para o próprio treinador. É possível avaliar os comportamentos atuais do treinador, as preferências dos atletas sobre os comportamentos do treinador e ainda, a autoavaliação do treinador acerca de seus próprios comportamentos. A versão do instrumento que avalia os comportamentos atuais do treinador foi validada para o contexto brasileiro (Barale, 2009) e será utilizada nesta pesquisa a partir da percepção dos atletas diante dos comportamentos de seu treinador. O instrumento é composto por 24 itens que descrevem o comportamento atual do treinador, avaliados pelo indivíduo em uma escala Likert de 1 a 5 pontos – (1) Nunca, (2) Raramente, (3) Algumas vezes, (4) Muitas vezes e (5) Sempre (Barale, 2009). No contexto brasileiro, a EMDL é composta por três fatores: “Liderança motivadora/inspiradora e positiva contingente”, “Feedback negativo” e “Liderança por relacionamento informal/apoio social e afetivo”.
- d) Inventário Beck de Ansiedade – BAI (Anexo VIII) – o Inventário Beck de Ansiedade é um instrumento que visa medir sintomas da ansiedade. O instrumento é composto por 21 itens que descrevem sintomas da ansiedade, avaliados pelo indivíduo em uma escala de 0 a 3 pontos – Absolutamente Não, Levemente (não me incomodou muito), Moderadamente (foi muito desagradável, mas pude suportar) e Gravemente (difícil de suportar). É um instrumento autoaplicável e validado no Brasil, apesar de atualmente estar com o parecer desfavorável (SATEPSI, 2018), seu uso para pesquisas é respaldado pela Resolução CFP nº 02 (2003, artigo 10). A soma dos pontos resulta em um escore máximo de 63 pontos. Há também critérios para os pontos de corte em diferentes possíveis níveis de ansiedade: Nível Mínimo de Ansiedade - de 0 a 10 pontos; Nível Leve de Ansiedade - de 11 a 19 pontos; Nível Moderado de Ansiedade - de 20 a 30 pontos e Nível Grave de Ansiedade - de 31 a 63 pontos (Cunha, 2001).

### 2.8.3 Procedimentos

Este projeto foi submetido aos procedimentos éticos necessários, e obteve aprovação pelo Comitê de Ética através da Plataforma Brasil para pesquisa com seres humanos, conforme a Folha de Rosto para Pesquisa Envolvendo Seres Humanos (Anexo II). A pesquisa

foi submetida e aprovada pela Plataforma Brasil, registrada pelo protocolo CAAE 24630419.6.0000.5282.

Atletas de seis clubes de futebol foram convidados para participar deste estudo. Dois não aceitaram e quatro aceitaram participar. Um modelo de carta de anuência (Anexo III) e um projeto deste estudo foram enviados para todas as instituições convidadas. As cartas com as autorizações dos clubes que aceitaram participar desta pesquisa se encontram no Anexo IV. Após a pesquisa, os participantes e instituições cedentes receberão os resultados encontrados. A coleta de dados será realizada em quatro diferentes instituições, como já autorizado.

Foi realizado o repasse de todas as informações necessárias aos participantes da pesquisa através da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (Anexo V), bem como o esclarecimento dos objetivos da pesquisa, sigilo, possíveis riscos e benefícios e a possível desistência em qualquer momento que desejar. Os participantes responderam ainda um questionário sociodemográfico.

De acordo com o TCLE (Anexo V) pode haver, minimamente, desconforto ou cansaço na realização do preenchimento dessa pesquisa, podendo o participante interromper seu preenchimento e participação, se assim desejar. Esta pesquisa aponta para possíveis benefícios, como a compreensão do estilo de liderança do treinador e o bem-estar emocional dos atletas. O sigilo possui o objetivo de proteger os participantes e as instituições cedentes. Os custos orçamentários envolvidos nessa pesquisa se restringiram no deslocamento da pesquisadora até o local da coleta de dados, cópias dos materiais utilizados e canetas e foram arcados por ela. Não houve nenhum custo e orçamento dessa pesquisa para as instituições e nenhum participante que cederam espaço para a coleta de dados. O espaço necessário para a coleta de dados não exige infraestrutura além de uma sala com cadeiras, onde os participantes possam se acomodar para responder os instrumentos aqui citados, realizado em apenas uma visita. É importante que a organização do local seja um ambiente sossegado e sem a presença de pessoas não implicadas na avaliação e que os sujeitos tenham pelo menos a escolaridade do primeiro grau completo (Barale, 2009). A coleta de dados ocorreu nos meses de dezembro de 2019 e janeiro de 2020, após a aprovação ética deste projeto e foi conduzida conforme a Resolução CNS nº 510/2016 e a Norma Operacional nº 001/2013.

Após o esclarecimento dos procedimentos éticos descritos acima e a assinatura do TCLE (Anexo V), os atletas que concordaram responderam também o Questionário Sociodemográfico (Anexo VI), a EMLD (Gomes, 2005, adaptada por Barale, 2009 – Anexo VII) na versão percepção atual acerca dos comportamentos do treinador e por último, responderam ao BAI (Cunha, 2001 – Anexo VIII). Foi realizada uma explicação da pesquisa aos participantes juntamente com a entrega do material, com duração de cinco minutos. Após a explicação, os participantes receberam o TCLE (Anexo V), onde tiveram mais quatro

minutos para assinarem, se assim aceitassem participar da pesquisa; cada participante recebeu uma cópia e tinham a liberdade de manifestar desistência em qualquer momento da pesquisa. Após a assinatura no TCLE (Anexo V), os participantes receberam três cadernos para serem respondidos, foram aplicados três instrumentos na seguinte ordem: Questionário Sociodemográfico (Anexo VI), EMDL (Anexo VII) e BAI (Anexo VIII). O caderno I era o Questionário Sociodemográfico (Anexo VI) composto por 15 perguntas simples sobre a vida social e esportiva, estimaram-se cinco minutos para a execução. No caderno II, os participantes responderam a EMLD (Anexo VII) composta por 24 itens em uma escala Likert de 1 a 5 pontos, estimaram-se dez minutos para a execução. Por último, os participantes receberam o caderno III, onde responderam o BAI (Anexo VIII), composto por 21 itens em uma escala Likert de 0 a 3 pontos, estimaram-se seis minutos para a execução. Todas as aplicações tiveram tempo necessário para os seus respectivos preenchimentos e ocorreram individualmente ou em grupo, consecutivamente e sem intervalos. Em média, o tempo necessário total para os procedimentos descritos acima duraram 30 minutos. No geral, esta categoria opera com cerca de duas competições semanais no calendário, por este motivo, é provável que o contexto da coleta de dados possua influência pela ansiedade competitiva. Devido a isso, a coleta jamais aconteceu na véspera de uma competição, a fim de evitar que proporcionasse uma alteração maior nos resultados, mas é importante ressaltar que os atletas estão imersos em uma rotina competitiva durante toda a temporada.

#### 2.8.4 Análise de dados

Foi realizada uma análise estatística descritiva para se obter a frequência de cada categoria da EMLD e do BAI, como as suas correlações com os dados sociodemográficos. Na EMLD, serão três fatores (de 1 a 5 pontos) analisadas e um total de 24 itens: Fator 1 - Liderança motivadora/ inspiradora e positiva contingente (itens 1, 4, 5, 11, 14, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23). Fator 2 - *Feedback* negativo (itens 6, 10, 24). Fator 3 - Liderança por relacionamento informal/ apoio social e afetivo (itens 2, 3, 7, 8, 9, 12, 13, 15, 16). Já no BAI a soma dos pontos resulta em um escore máximo de 63 pontos em quatro categorias (de 0 a 3 pontos) analisadas através de pontos de cortes (Cunha, 2001), são eles: Nível Mínimo de Ansiedade (0 a 10 pontos), Nível Leve de Ansiedade (11 a 19 pontos), Nível Moderado de Ansiedade (20 a 30 pontos) e Nível Grave de Ansiedade (31 a 63 pontos).

Uma análise descritiva foi utilizada para calcular a distribuição das respostas sobre o fator de liderança percebida pelos atletas e o nível de ansiedade, a fim de identificar tipos de liderança dos treinadores a partir da percepção dos atletas e identificar os níveis de ansiedade dos atletas. Para verificar se variável "nível de ansiedade" tinha dependência com a variável

"fator de liderança identificado pelo jogador" foi utilizado o teste do *Qui-Quadrado com ajuste Exato de Fisher*, a fim de verificar a associação entre o tipo de liderança do treinador com a ansiedade, percebidas pelos atletas. Para verificar a correlação entre as variáveis sociodemográficas e o nível de ansiedade foi utilizado o teste de correlação de *Spearman*. Além de uma *Regressão Linear Múltipla* para verificar a correlação entre as variáveis sociodemográficas com o fator de liderança e a ansiedade, a partir da escala analógica de 0 a 10. Para todos os testes o nível de significância adotado foi o critério de valor-p  $\leq 0,05$  e para tal foi utilizado o software SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*) versão 21.0 (Field, 2000). Desta maneira, buscou-se verificar se existe associação entre o estilo de liderança do treinador com os níveis de ansiedade dos atletas da equipe. Os dados sociodemográficos foram analisados de forma quantitativa e qualitativa.

## 2.9 Resultados

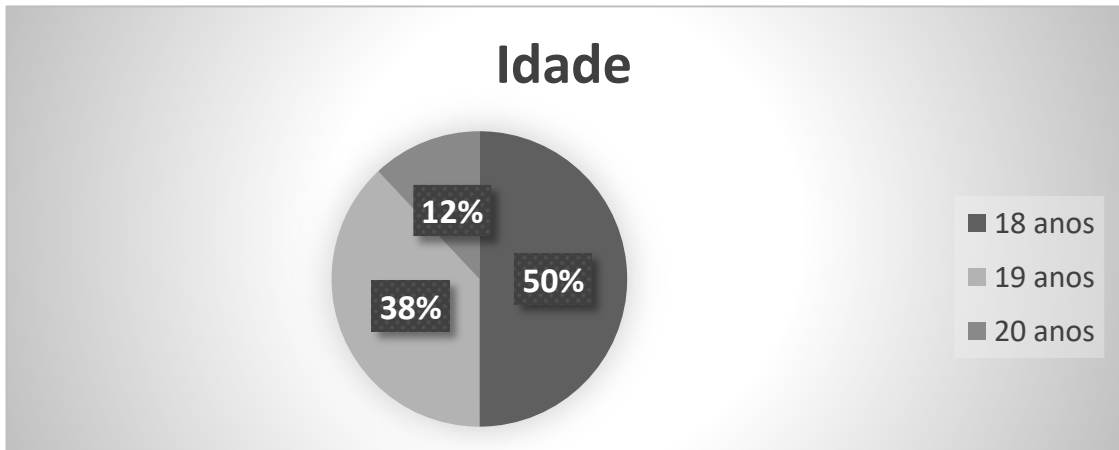
### 2.9.1 Dados sociodemográficos

Dentre os dados solicitados aos participantes estão: idade (Gráfico 3), escolaridade (Gráfico 4), tempo de prática no esporte (Gráfico 5), tempo que atua na equipe (Gráfico 6), número de dias semanais praticando a modalidade (Gráfico 7), número de horas diárias praticando a modalidade (Gráfico 8), campeonatos disputados por ano (Gráfico 9), apoio da família na vida esportiva (Gráfico 10), posição do jogador (Gráfico 11), titularidade (Gráfico 12), passagem pelo futebol profissional (Gráfico 13), acompanhamento psicológico (Gráfico 14), faixa salarial (Gráfico 15) e salários em atraso (Gráfico 16). Além de uma escala analógica subjetiva, onde o atleta pode dimensionar de 0 a 10 o seu nível de ansiedade desencadeada pelo treinador esportivo, a partir de uma régua (Figura 3). Os resultados relativos à escala analógica ( $M = 5,4$ ;  $DP = 2,83$ ) apontaram para um nível moderado em relação à ansiedade desencadeada pelo treinador nos atletas.



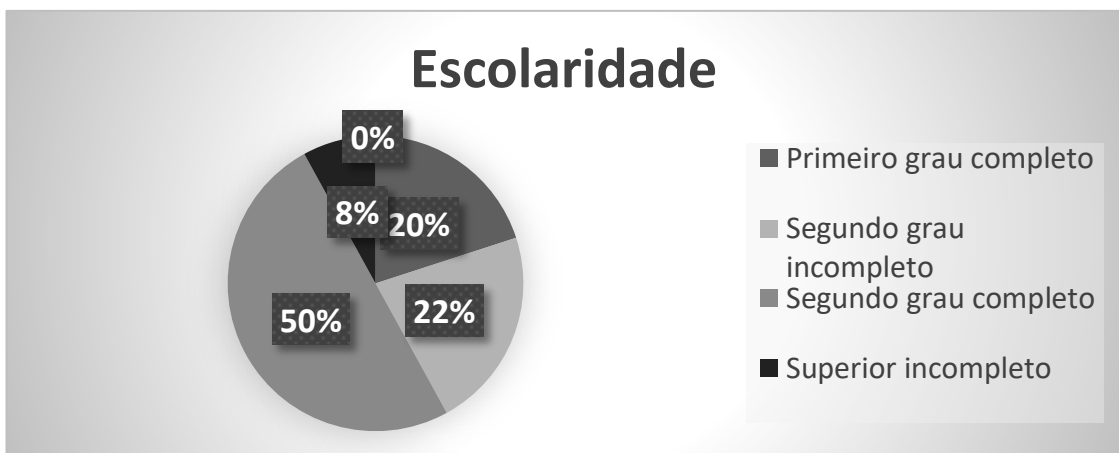
Fonte: Questionário sociodemográfico – Anexo VI

Gráfico 3 - Frequência da faixa etária dos participantes



Fonte: a autora, 2020

Gráfico 4 - Frequência da escolaridade dos participantes



Fonte: a autora, 2020

Gráfico 5 - Frequência do tempo de prática no esporte dos participantes



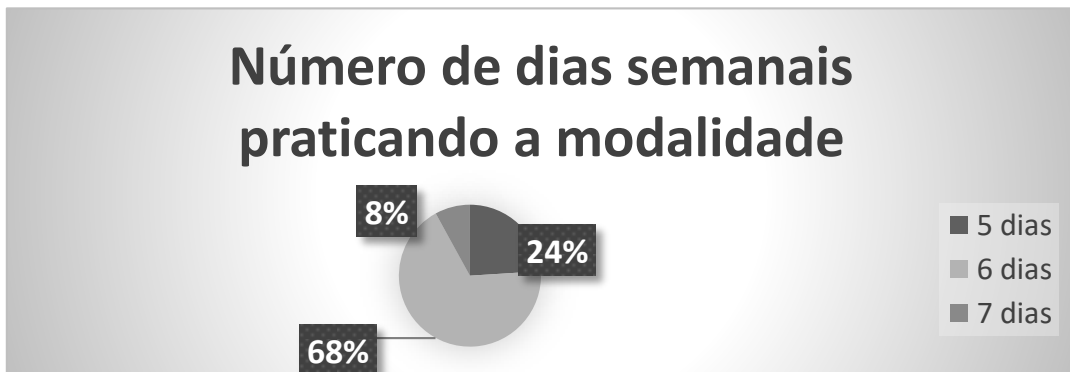
Fonte: a autora, 2020

Gráfico 6. Frequência do tempo de atuação dos atletas na equipe esportiva



Fonte: a autora, 2020

Gráfico 7 - Frequência do número de dias semanais que os atletas praticam a modalidade



Fonte: a autora, 2020

Gráfico 8 - Frequência do número de horas diárias que os atletas praticam a modalidade



Fonte: a autora, 2020



Gráfico 9 - Frequência do número de campeonatos disputados anualmente pelos atletas



Fonte: a autora, 2020.

Gráfico 10 - Frequência do apoio familiar na carreira esportiva dos atletas



Fonte: a autora, 2020.

Gráfico 11 - Frequência da atual posição ocupada pelos atletas na modalidade



Fonte: a autora, 2020

Gráfico 12 - Frequência dos atletas que ocupam vagas no time titular



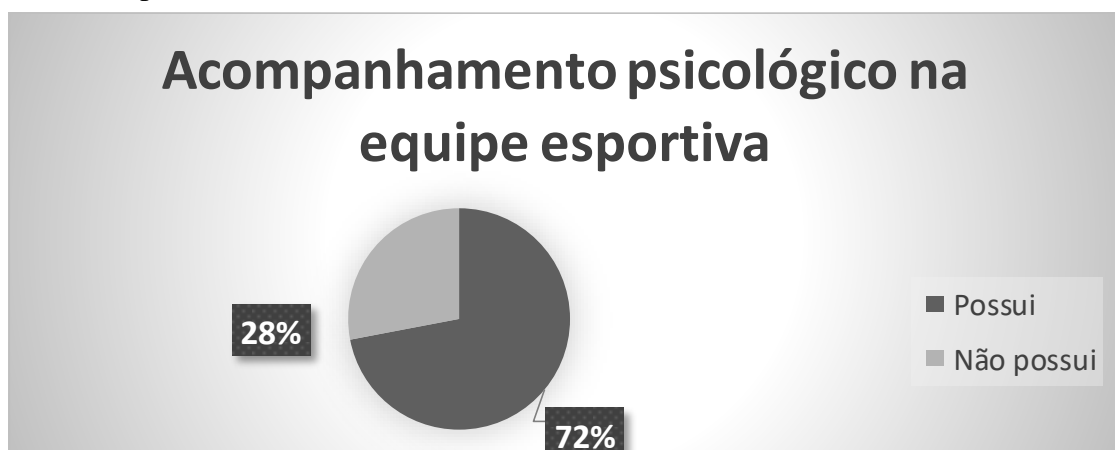
Fonte: a autora, 2020

Gráfico 13 - Frequência dos atletas que já tiveram alguma passagem pelo futebol profissional



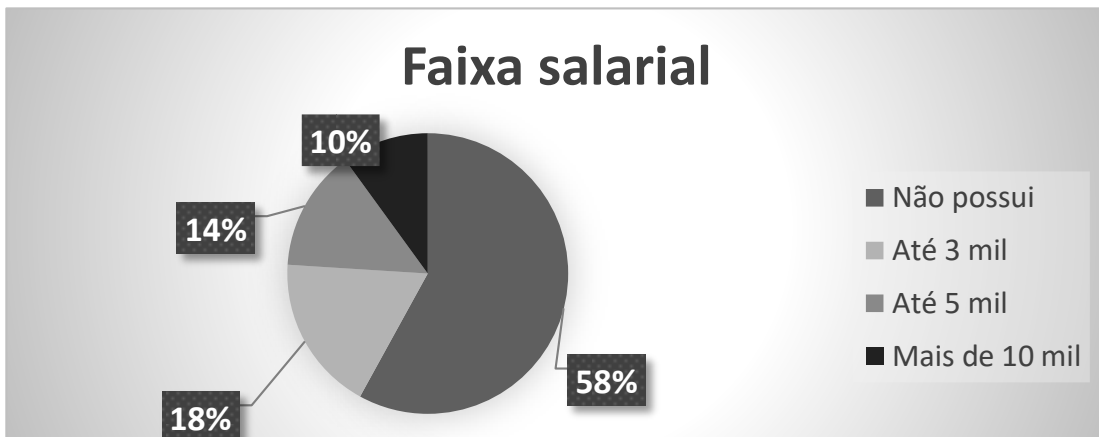
Fonte: a autora, 2020

Gráfico 14 - Frequência dos atletas que possuem acompanhamento psicológico no âmbito esportivo



Fonte: a autora, 2020

Gráfico 15 - Frequência dos valores salariais recebidos pelos atletas



Fonte: a autora, 2020.

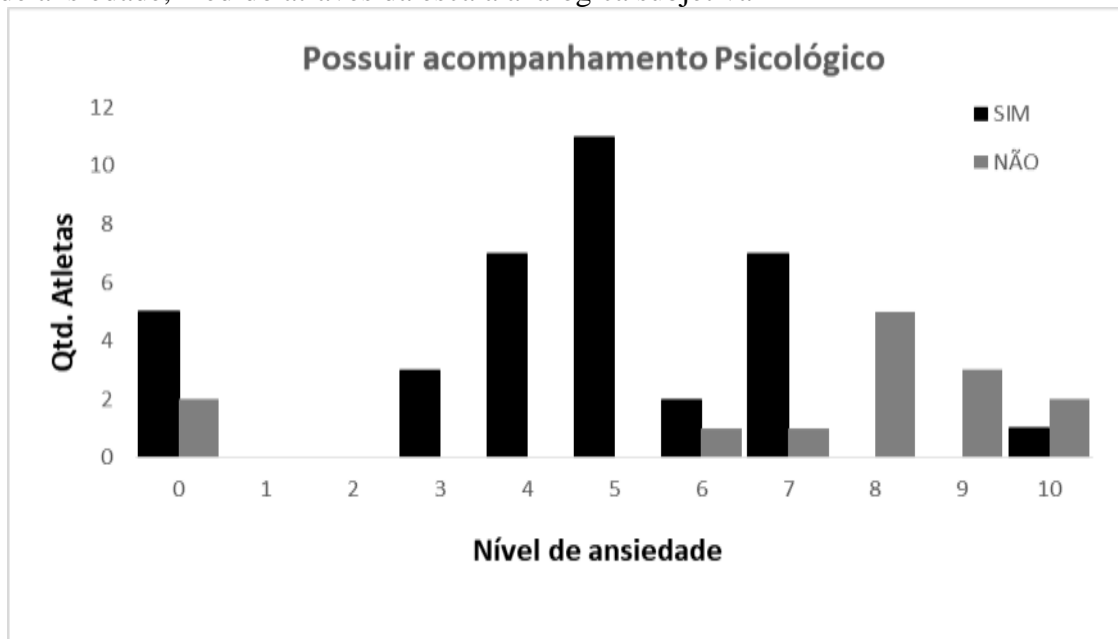
Gráfico 16 - Frequência de salários atrasados dos atletas



Fonte: a autora, 2020.

Foi realizada uma correlação entre os dados sociodemográficos e o nível de ansiedade dos atletas encontrados na escala analógica subjetiva que relacionava ansiedade e o estilo de liderar do treinador. Para realizar esta correlação foi utilizado o teste de correlação de *Spearman*. Os resultados foram estatisticamente significativos apenas para três correlações sociodemográficas (Tabela 2): a idade ( $p$ -valor= 0,05 e  $r$ = 0,24), o número de horas praticando a modalidade ( $p$ -valor= 0,05 e  $r$ = -0,27) e o acompanhamento psicológico na equipe esportiva ( $p \leq 0,05$ ). O  $p$ -valor encontrado para esta variável foi 0,0001 e o  $r$ = 0,50 (estatisticamente significativo ( $p \leq 0,05$ )\*). Os atletas que possuem acompanhamento psicológico no âmbito esportivo apresentaram menores índices de ansiedade em comparação aos que não possuem acompanhamento psicológico (Gráfico 17). As demais correlações não obtiveram resultados estatísticos significativos, conforme a Tabela 4.

Gráfico 17. Frequência de atletas que possuíam acompanhamento psicológico e nível de ansiedade, medido através da escala analógica subjetiva



Fonte: a autora, 2020.

Tabela 2. Correlação entre as variáveis sociodemográficas e o nível de ansiedade

Variáveis Sociodemográficas	Nível de ansiedade	
	Spearman R rank	p valor
<b>Idade</b>	0,24	0,05
<b>Escolaridade</b>	0,024	0,86
<b>Tempo de prática no esporte</b>	- 0,09	0,53
<b>Tempo que atua na equipe</b>	0,16	0,24
<b>Número de dias semanais praticando a modalidade (físico, técnico e tático)</b>	0,13	0,338
<b>Número de horas diárias praticando a modalidade (físico, técnico e tático)</b>	- 0,27	0,05
<b>Número de campeonatos por anos</b>	- 0,18	0,786
<b>Família apoia a escolha de ser atleta</b>	0,16	0,25
<b>Posição atual</b>	0,07	0,62
<b>Joga no time titular</b>	0,13	0,333
<b>Passagem pelo futebol profissional</b>	0,14	0,30
<b>Equipe possui acompanhamento psicológico</b>	0,50	<b>0,0001*</b>
<b>Faixa salarial</b>	- 0,21	0,13
<b>Possui salários em atraso</b>	- 0,24	0,08

Fonte: a autora, 2020.

Também foi utilizada a *Regressão Linear Múltipla* para verificar se as variáveis sociodemográficas e o fator de liderança se correlacionam e são capazes de prever o nível de ansiedade medido na escala de 0 a 10. O fator de liderança apresentou o p-valor= 0,816 e o r= 0,025. Os resultados foram estatisticamente significativos apenas para duas correlações

sociodemográficas (Tabela 3): a idade (p-valor= 0,03 e r= 0,257) e o acompanhamento psicológico na equipe esportiva (p≤0,05). O p-valor encontrado para esta variável foi 0,03 e o r= -0,421 (estatisticamente significativo (p≤0,05). Análise resultou em um modelo estatisticamente significativo para a variável sociodemográfica de acompanhamento psicológico, conforme ilustra o modelo de variável preditora estatisticamente significativa, na Tabela 4. As demais correlações não obtiveram resultados estatísticos significativos, conforme a Tabela 3.

Tabela 3 - Regressão Linear Múltipla

Variáveis	R	p valor
Fator de liderança	0,025	0,816
Idade	0,257	<b>0,03*</b>
Escolaridade	0,115	0,697
Tempo de prática no esporte	0,065	0,728
Tempo que atua na equipe	-0,296	0,098
Número de dias semanais praticando a modalidade (físico, técnico e tático)	-0,201	0,259
Número de horas diárias praticando a modalidade (físico, técnico e tático)	-0,363	0,209
Família apoia a escolha de ser atleta	-0,139	0,741
Posição atual	-0,155	0,198
Joga no time titular	0,076	0,8
Passagem pelo futebol profissional	0,185	0,168
Equipe possui acompanhamento psicológico	-0,421	<b>0,03*</b>
Faixa salarial	-0,305	0,246
Possui salários em atraso	-0,288	0,382

Fonte: a autora, 2020.

Tabela 4 - Modelo de variável preditora estatisticamente significativa

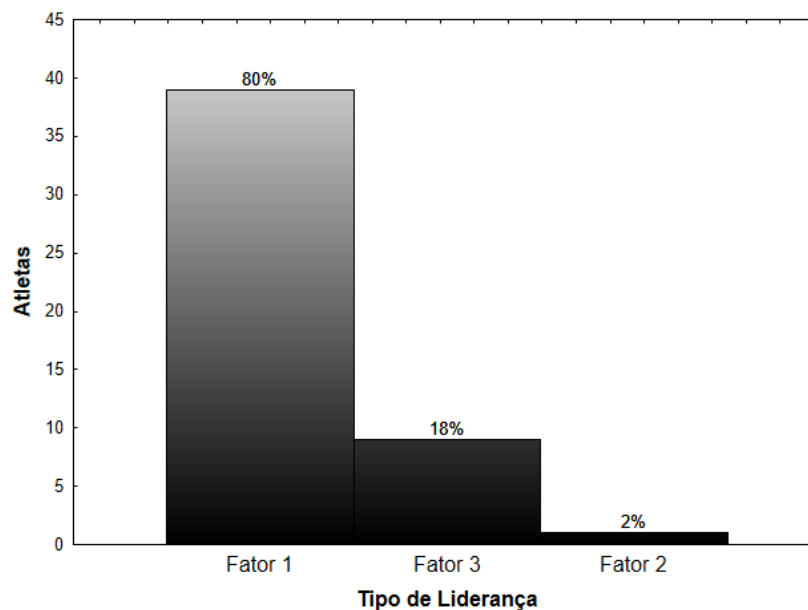
Variável	Equipe possui acompanhamento psicológico
R	- 0,421
R <sup>2</sup>	0,177
R ajustado	0,159
F (df)	F (1, 45) = 9,667
p valor	<b>0,03*</b>
Equação de predição	Nível de ansiedade = 7,143 - 2,628 * x <sub>1</sub> (0= Não possui; 1=possui acompanhamento psicológico)

Fonte: a autora, 2020

## 2.9.2 Estilos de liderança do treinador percebido pelos atletas

Foi realizada a distribuição da frequência a partir das respostas dos atletas em relação aos comportamentos de seus treinadores (Gráfico 18). O fator 1 (Liderança motivadora/inspiradora e positiva contingente) predominou a frequência (80%) com que os atletas percebem o comportamento de seus treinadores. O fator 2 (*Feedback* negativo) foi a menor frequência de comportamentos percebidos pelos atletas acerca de seus treinadores, apenas 2%. Já o fator 3 (Liderança por relacionamento informal/ apoio social e afetivo) apresentou 18% de frequência nas respostas dos atletas sobre os comportamentos do líder.

Gráfico 18 - Distribuição da frequência de observações dos fatores de liderança

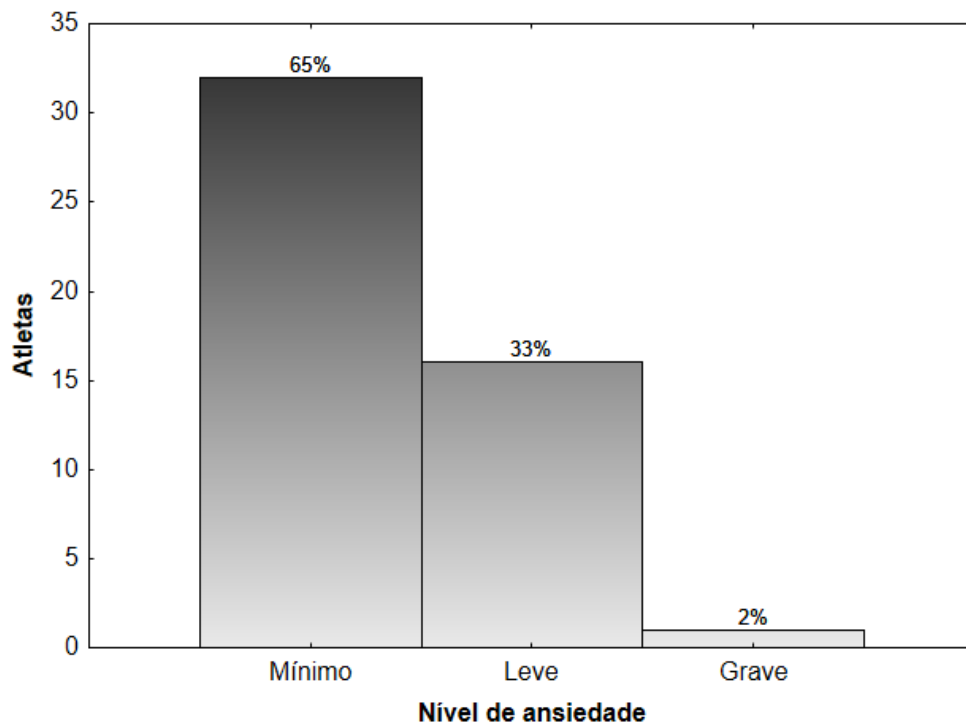


Fonte: a autora, 2020

### 2.9.3 Níveis de ansiedade percebidos pelos atletas

Os resultados quanto aos sintomas de ansiedade percebidos pelos atletas apontam que 65% dos atletas perceberam os sintomas de ansiedade como mínimos, 33% relataram sintomas leves de ansiedade e apenas 2% dos atletas perceberam os sintomas de ansiedade de forma grave (Gráfico 19).

Gráfico 19 - Distribuição da frequência de observações dos níveis de ansiedade



Fonte: a autora, 2020

"Sensação de calor", "medo de que aconteça o pior" e "nervoso" foram os sintomas de ansiedade relatados com maior frequência na percepção dos atletas. Em seguida, dormência ou formigamento, incapacidade de relaxar, medo de perder o controle, palpitação ou aceleração do coração, medo de morrer, indigestão ou desconforto abdominal, tremores nas pernas, suor (não devido ao calor), atordoado ou tonto e falta de equilíbrio foram relatos em seguida, sequencialmente. Os sintomas relatados com menor frequência foram: tremores nas mãos, assustado, trêmulo, dificuldade de respirar, sensação de desmaio, aterrorizado, sensação de sufocação e rosto afogueado, nesta sequência (Tabela 5).

Tabela 5 - Sintomas de ansiedade percebidos pelos atletas

Sintoma	<i>n</i> de atletas que perceberam esse sintoma
1. Dormência ou formigamento	22
2. Sensação de calor	33
3. Tremores nas pernas	17
4. Incapaz de relaxar	21
5. Medo que aconteça o pior	28
6. Atordoado ou tonto	14
7. Palpitação ou aceleração do coração	19
8. Sem equilíbrio	11
9. Aterrorizado	5
10. Nervoso	24
11. Sensação de sufocação	5

Tabela 5 - Sintomas de ansiedade percebidos pelos atletas

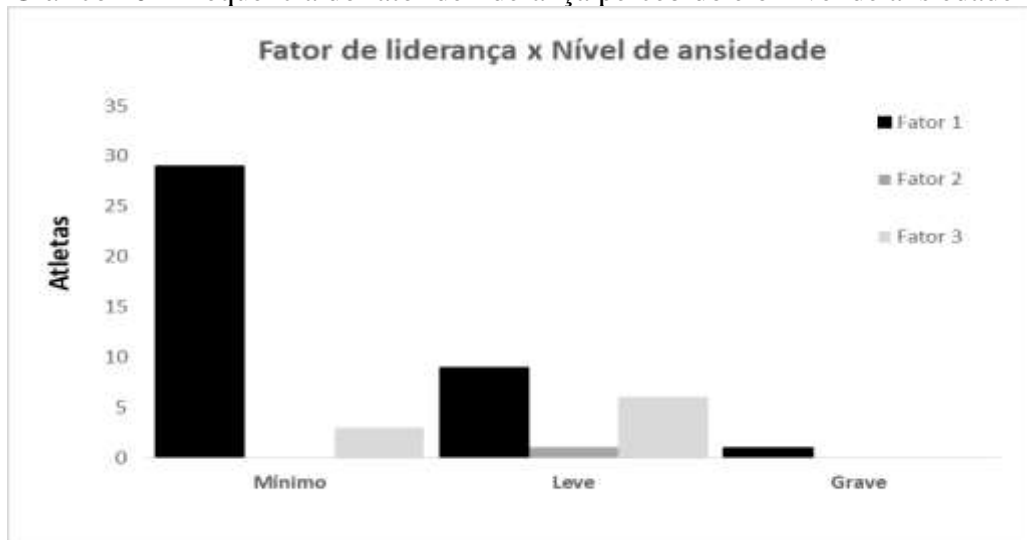
Sintoma	n de atletas que perceberam esse sintoma
12. Tremores nas mãos	10
13. Trêmulo	7
14. Medo de perder o controle	20
15. Dificuldade de respirar	7
16. Medo de morrer	19
17. Assustado	10
18. Indigestão ou desconforto no abdômen	19
19. Sensação de desmaio	6
20. Rosto afogueado	4
21. Suor (não devido ao calor)	16

Fonte: a autora, 2020.

#### 2.9.4 Liderança x Ansiedade

Para relacionar os fatores de liderança com os níveis de ansiedade percebidos nos atletas, verificou-se a frequência que os fatores de liderança se associavam com os níveis de ansiedade (Gráfico 20). Atletas com nível mínimo de ansiedade percebem com grande frequência a Liderança motivadora/ inspiradora e positiva contingente. Nos atletas que perceberam o estilo de liderança do treinador como *Feedback* negativo, houve minimamente uma frequência da ansiedade, em níveis leves ou graves. Atletas que perceberam o estilo de liderança do treinador como Liderança por relacionamento informal/ apoio social e afetivo apresentaram nível mínimo de ansiedade.

Gráfico 20 - Frequência do fator de liderança percebido e o nível de ansiedade



Fonte: a autora, 2020.



Após verificar a frequência entre os fatores de liderança e os níveis de ansiedade, foi realizado o teste do *Qui-Quadrado com ajuste de Fisher* para verificar a independência entre o nível de ansiedade e o fator de liderança (Tabela 7). O teste do *Qui-Quadrado com Ajuste de Fisher* permite verificar se há independência ou alguma associação entre duas variáveis, no caso do presente estudo, nível de ansiedade e fator de liderança. O *Teste do Qui-Quadrado* foi escolhido para esta análise, pois se tratam de duas variáveis qualitativas, foram utilizados os escores para classificar o atleta quanto ao Fator de Liderança e ao Nível de Ansiedade. A partir da tabela de contingência ou frequência (Tabela 6), trabalha-se com a hipótese nula de que as duas variáveis - nível de ansiedade e fator de liderança – são independentes (Giolo, 2017). Para verificar a associação ou independência entre as variáveis: fator de liderança e nível de ansiedade - foi utilizado o *Teste Exato de Fisher*, atendendo os seguintes pressupostos: as variáveis são nominais, utilizou-se uma tabela de contingência (Tabela 6) 2 x 2, as amostras são independentes e foi encontrada amostra com valores esperados abaixo de 5 observações. O nível de significância adotado foi de 95%. Nesta análise foram considerados apenas dois fatores de liderança (Fator 1 e Fator 3), pois apenas um atleta se encaixava no escore Fator 2, sendo este atleta considerado *outlier*, ou seja, se diferenciava drasticamente de todos os outros, fugindo da encontrada normalidade. Após esse ajuste, o presente estudo, através do teste de associação entre fator de liderança e nível de ansiedade (Tabela 7), rejeita a hipótese de independência entre as variáveis: Fator de liderança e Nível de ansiedade,  $p \leq 0,05$ , ou seja, em suas proporções o nível de ansiedade do atleta pode depender do fator de liderança do treinador. Por fim, a partir da descrição das observações (Gráfico 21), a escolha do fator Liderança motivadora/ inspiradora e positiva contingente se associa com níveis mínimos de ansiedade. Para complementar a análise, também foi realizada uma correlação de *Spearman* (Tabela 8) para verificar a correlação entre o fator de liderança e o escore encontrado na escala analógica de ansiedade (0 a 10), o nível de significância adotado foi de 95%. A correlação apontou o valor de  $r=0,37$  e o  $p$ -valor= 0,010, uma correlação fraca, porém significativa, podendo-se esperar este comportamento em 95% de chance caso este experimento seja repetido outras vezes e corroborando com a dependência encontrada entre os fatores de liderança e nível de ansiedade no Teste de *Qui-Quadrado com ajuste de Fisher*.

Tabela 6 - Tabela de contingência – Qui Quadrado com Ajuste Exato de Fisher

Fator de liderança	Nível de Ansiedade		Total
	Mínimo	Leve	
<i>Fator 1</i>	28	10	38
<i>Fator 3</i>	3	6	9
Total	31	16	47

Fonte: a autora, 2020

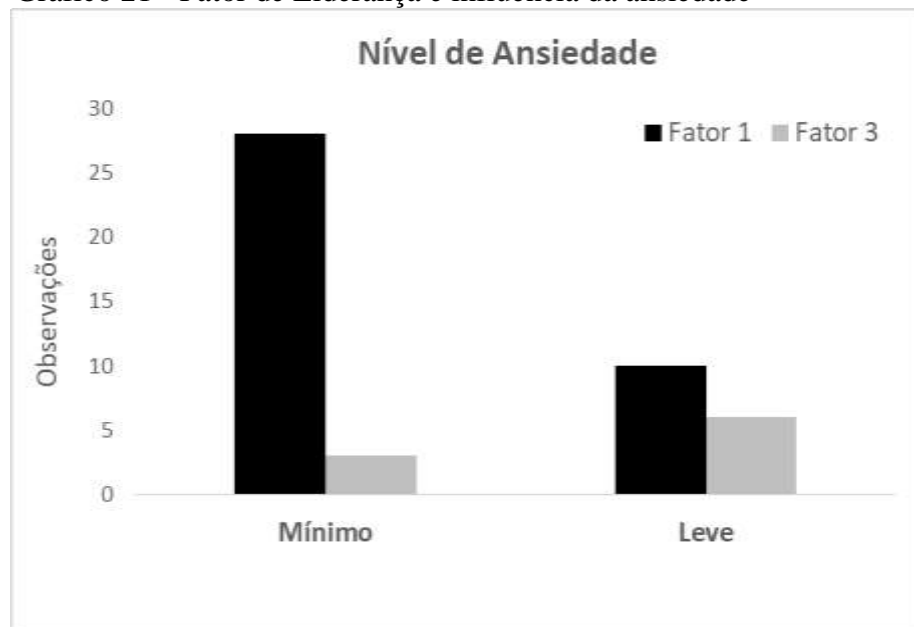
Tabela 7 - Resultados do Teste Qui-Quadrado com Ajuste Exato de Fisher

Chi-Square Tests				
	Value	Df	Asymp. Sig. (2-sided)	Exact Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	49,387 <sup>a</sup>	4	,000	,000
Likelihood Ratio	50,121	4	,000	,000
Fisher's Exact Test	42,285			,000
N of Valid Cases	49			

a. 5 cells (55,6%) have expected count less than 5. The minimum expected count is ,18.

Fonte: a autora, 2020

Gráfico 21 - Fator de Liderança e influência da ansiedade



Fonte: a autora, 2020

Tabela 8 - Correlação de Spearman entre fator de liderança e nível de ansiedade

Fator de liderança x Score de ansiedade	Spearman Rank	p Valor
	0,37	0,010*

Fonte: a autora, 2020

## 2.10 Discussão

O objetivo central deste estudo foi verificar se há associação entre os comportamentos do treinador esportivo e o nível de ansiedade de jogadores de futebol. Além disso, buscou identificar a percepção dos atletas sobre os tipos de liderança desses treinadores, como também os níveis de ansiedade dos atletas. Também foi comparado dados sociodemográficos com o nível de ansiedade dos jogadores. A hipótese do estudo se baseava na proposta de que os estilos de liderança do treinador poderiam influenciar os sintomas de ansiedade nos mesmo atletas.

O presente estudo utilizou o Modelo Multidimensional de Liderança para o Esporte (Chelladurai, 1989), a partir da Escala Multidimensional de Liderança no Desporto (Gomes, 20005) adaptada para o contexto brasileiro (Barale, 2009), investigou-se qual fator de liderança predominava na percepção de atletas de futebol de campo da cidade do Rio de Janeiro. O Modelo Multidimensional de Liderança para o Esporte (Chelladurai, 1989) proporcionou uma reflexão crucial no contexto esportivo e abriu portas para novas pesquisas e conscientizações para líderes esportivos ao levar em consideração desempenho e satisfação (Chelladurai, 1989). Apesar do líder ser uma figura de comando, este modelo veio comprovar que há uma configuração muito além disso. Liderar envolve, crucialmente, os liderados e esses interagem constantemente nos comportamentos do líder. Neste viés, o presente estudo buscou inserir a percepção dos atletas liderados sobre os comportamentos de seus líderes.

O instrumento utilizado para verificar os comportamentos do líder foi a Escala de Liderança para o Desporto (Gomes, 2005 adaptada Barale, 2009), na versão comportamentos atuais. Os atletas declaravam em qual frequência seu treinador exercia tal comportamento. Ao total, a escala possui 24 itens que traduz ações dos treinadores em seu cotidiano, que envolvem comportamentos de reforço, motivação, inspiração, *feedbacks* negativos e apoio social. Ao final, as frequências das respostas eram contabilizadas em três diferentes categorias: “Liderança motivadora/inspiradora e positiva contingente”, “*Feedback* negativo” e “Liderança por relacionamento informal/apoio social e afetivo”.

Os resultados apontaram que o fator “Liderança motivadora/ inspiradora e positiva contingente” predominou na percepção dos atletas acerca do comportamento de seus treinadores. Este fator se refere a comportamentos de reforço do treinador frente ao bom desempenho dos atletas, além de compartilhar com os atletas sentimentos de confiança, respeito e otimismo em direção aos cumprimentos das metas em comuns (Barale, 2009). Em pesquisas anteriores (Costa & Samulski, 2006; Costa, Samulski, & Marques, 2006), no futebol brasileiro, o perfil dos treinadores se conecta com uma postura mais autocrática, mas essas pesquisas foram realizadas com os próprios treinadores e não com os atletas.

Uma liderança que há a motivação como característica pode proporcionar um envolvimento maior dos atletas. Para Weinberg e Gould (2001), uma maneira de otimizar a motivação é envolver os participantes nas tomadas de decisões, isso ampliará o senso de responsabilidade dos atletas e uma melhor aquisição das regras que necessitam ser seguidas, além de sentimentos de realização pessoal.

Quanto ao instrumento utilizado para verificar os níveis de ansiedade, o Inventário Beck de Ansiedade (Cunha, 2001) reúne 21 sintomas de ansiedade entre os níveis negativo, leve, moderado e grave. A ansiedade é uma variável presente na vida do atleta e por este

vivenciar com frequência situações estressoras, já que o ambiente competitivo é repleto de pressões pelo sucesso, essas situações podem ser respondidas através de sintomas de ansiedade. Um estudo (Roman & Savoia, 2003) investigou que os pensamentos disfuncionais de jogadores de futebol estão relacionados ao julgamento ao erro, perfeccionismo e estrutura de trabalho, além de ter sido verificado 61% de sintomas de ansiedade presentes nos atletas.

O estudo (Olmedilla, García, & Martínez, 2006) aponta que há uma influência entre as relações pessoais no esporte. Reforça ainda, que o apoio social do treinador pode ser crucial para a regulação da ansiedade e uma boa concentração em jogadores de futebol. Este estudo associou o fator “Liderança motivadora/ inspiradora e positiva contingente” com um nível mínimo de ansiedade, na percepção da maioria dos atletas.

O presente estudo encontrou diferenças estatísticas significativas quanto à associação do estilo de liderança do treinador e a ansiedade dos atletas de futebol. Sabe-se que é necessário haver um nível ótimo de ansiedade para o desempenho da prática esportiva, mas quando essa ansiedade é alta, os atletas podem se prejudicar em seus desempenhos (Wolff, 2015). Este estudo revelou que sensação de calor, medo de que o pior aconteça e nervosismo são os sintomas de ansiedade mais frequentes em jogadores de futebol.

Acredita-se que as variáveis sociais também podem influenciar nos sintomas de ansiedade, por esta razão, este estudo investigou variáveis que poderiam interferir nesses sintomas. Quanto à faixa etária dos participantes, 55% tinham 18 anos, 42% tinham 19 anos e 3% possuíam 20 anos. Essa é a última categoria de formação de atletas, antes de ingressarem no futebol profissional. Quanto à escolaridade, 20% dos atletas possuíam o primeiro grau completo, 22% o segundo grau incompleto, 50% o segundo grau completo, 8% chegaram a ingressar no ensino superior, mas nenhum atleta concluiu. O estudo de Melo, Soares e Rocha (2014) traçou o perfil educacional de atletas de futebol em formação do Rio de Janeiro e apontou que quanto mais profissionalizante é a prática esportiva, menor serão os investimentos educacionais.

Quanto à vida esportiva, é comum que o atleta de futebol inicie sua vida esportiva ainda em tenra idade (Becker-Júnior & Teloken, 2000). Os dados encontrados na presente pesquisa corroboram essa afirmação, pois, todos os atletas participantes praticavam futebol há pelo menos dois anos. Dos participantes desta pesquisa, 10% estão na modalidade de dois a cinco anos, 4% entre seis e sete anos e 86% praticam a modalidade há mais de sete anos. O vínculo com a equipe também é um fator que pode trazer segurança aos atletas, 36% dos atletas atuam em suas equipes há menos de um ano, outros 36% de um a dois anos, 20% de três a cinco anos, 4% de seis a dez anos e 4% atuam em suas equipes há mais de dez anos.

A preenchida rotina de treinos e competições pode afetar as variáveis psicológicas dos atletas (Rohlf et al., 2008). Foram identificados que 68% dos atletas treinam seis dias semanais, 24% treinam cinco vezes na semana e 8% treinam diariamente. Já o número de horas diárias que os atletas praticam a modalidade são: 64% treinam de duas a três horas por dia, 26% treinam de três a quatro horas por dia, 8% treinam menos de duas horas diárias e 2% cinco horas ou mais. A quantidade de campeonatos disputados por ano também varia, 58% dos atletas disputam de dois a três campeonatos anuais, 10% disputam de quatro a cinco campeonatos, 30% disputam mais de cinco campeonatos por ano (geralmente os clubes de maiores estruturas) e apenas 2% disputam somente um campeonato por ano.

As posições ocupadas pelos jogadores do presente estudo são divididas em: 34% são meio-campistas, 24% atacantes, 18% laterais, 16% zagueiros e 8% goleiros. Desses atletas, 44% são jogadores titulares e 56% reservas, ou seja, não jogam no time principal ou não iniciam a partida jogando, em geral. Por esta ser a última categoria de formação de atletas de futebol, há uma expectativa muito grande em relação aos convites para treinos e jogos no futebol profissional, dos atletas participantes, 36% já tiveram alguma passagem pelo futebol profissional e 64% nunca estiveram no ambiente do futebol profissional para treinar ou jogar.

Atualmente, o futebol é um esporte de enorme ascensão financeira, e mover altas quantias de dinheiro para a compra de um jogador é algo comum (Kfoury, 2013). Esse fato cria expectativas no jovem atleta que busca um sonho profissional como jogador de futebol, no entanto, os salários fornecidos são bastantes desiguais. Foi encontrado que 58% dos atletas desse estudo não possuem qualquer auxílio financeiro para realizar a prática do futebol (em geral, esses atletas são pertencentes aos clubes menos estruturados), 18% tem seus salários até 3 mil reais, 14% até 5 mil e 10% recebem mais de 10 mil reais como salário. Nos dias de hoje e na época da coleta de dados desta pesquisa, alguns clubes do Rio de Janeiro apresentam dificuldades políticas e financeiras, atrasando os salários de seus funcionários e jogadores. Essa lacuna leva à reflexão de uma possível relação desse fato com a ansiedade em atletas, já que muitos desde novos precisam auxiliar no sustento de suas famílias. Dos 42% de atletas desta pesquisa que possuem alguma faixa salarial, 38% possuíam seus vencimentos em atraso e apenas 4% recebiam seus vencimentos sem atrasos.

Becker-Júnior e Teloken (2000) reforçam a importância emocional do jovem atleta receber apoio familiar em sua prática esportiva, 98% dos atletas desta pesquisa declararam ter o apoio da família na prática do futebol, apenas 2% não possuem o apoio familiar. O apoio psicológico no âmbito esportivo também é fundamental para que um atleta desenvolva suas potencialidades e mantenha sua regulação emocional em um ambiente tão competitivo. Os treinadores de futebol também reconhecem a importância desse tipo de treinamento e declaram não se sentirem preparados para atuar neste domínio (Barreiros et al., 2011). Na

presente pesquisa, 72% dos atletas possuem acompanhamento psicológico e 28% não recebem este tipo de auxílio.

Além de este estudo ter encontrado possível associação entre a influência do estilo de liderança do treinador e a ansiedade dos atletas, uma análise resultou em um modelo estatisticamente significativo para a variável sociodemográfica de acompanhamento psicológico. O desempenho da função de um psicólogo na equipe de futebol foi correlacionado com menores níveis de ansiedade às equipes que possuem essa assistência. Esse resultado foi observado em outros estudos, onde ressaltam que a figura de psicólogo inserido na equipe esportiva pode auxiliar na transformação de pensamentos disfuncionais, no bem-estar emocional, na regulação das emoções e nas conquistas de comportamentos satisfatórios (Roman & Savoia, 2003; Weinberg & Gould, 2001; Wolff, 2015).

### 2.11 Limitações do estudo

Este estudo apresentou algumas limitações quanto ao método, como: os poucos estudos com a Escala de Liderança para o Desporto no contexto brasileiro e a quantidade de participantes e instituições. O objetivo foi identificar se haveria relação entre o estilo de liderança do treinador e os níveis de ansiedade percebida de equipes de jovens atletas de futebol. A principal limitação do estudo foi o número reduzido de treinadores. O estilo percebido pelos atletas talvez seja devido ao fato de não ter uma amostra maior de treinadores. Os resultados indicaram que a maior parte dos atletas identificou que os treinadores apresentavam um estilo de liderança "Liderança motivadora/ inspiradora e positiva contingente". Como o número é pequeno, a dúvida é se esse resultado não poderia ser um viés da amostra utilizada. Em virtude de os demais estilos terem tido uma ocorrência muito pequena, as análises não tinham como identificar correlações entre ansiedade e estilo de liderança percebido pelos atletas. O que fica como questão é saber se em diferentes contextos e com um número maior de treinadores nas demais categorias seriam encontradas maiores correlações. Essa conclusão deve ser vista com a ressalva da limitação aqui apontada.

Destaca-se ainda a necessidade de serem realizados outros estudos no contexto brasileiro com a Escala Multidimensional de Liderança para o Desporto, na versão comportamentos atuais (Gomes, 2005 adaptado Barale, 2009). O estudo de Costa, Samulski e Marques (2006) já ressaltava a necessidade de se realizar estudos sobre a liderança do treinador de futebol na percepção dos atletas. Sugere-se também que outros instrumentos sejam testados para relacionar liderança e ansiedade, além de uma amostra mais ampla e que envolva mais instituições.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura aponta que as causas da ansiedade em atletas de futebol estão relacionadas à competição e pré-competição, às lesões esportivas, à realizar tarefa específica sob pressão, ao clima motivacional e a antecedentes contextuais (Broadbent et al., 2018; Cano, Zafra, & Toro, 2010; Castro et al., 2018; Castro-Sánchez et al., 2019; Chell et al., 2003; De La Pena, Khoo, & Murray, 2010; Fernandez-Garcia et al., 2014; Fortes et al., 2018; Garcia-Mas et al., 2011; Horikawa & Yagi, 2012; Kang & Jang, 2018; Navia et al., 2019; Olmedilla, García, & Martínez, 2006). Este estudo não objetivou associar a causa da ansiedade com o estilo de liderança do treinador, mas associar essas duas variáveis e verificar se há alguma correlação entre elas.

O presente estudo apontou que a percepção dos atletas acerca do comportamento do treinador indicava um estilo de “Liderança motivadora/ inspiradora e positiva contingente”. Esse fator se relacionou com sintomas leves de ansiedade nos mesmos atletas. Foram encontradas diferenças estatísticas significativas quanto à associação entre fator de liderança e nível de ansiedade, rejeitando a hipótese de independência entre as variáveis: Fator de liderança e Nível de ansiedade. O nível de ansiedade do atleta pode depender do fator de liderança do treinador. A escolha do fator Liderança motivadora/ inspiradora e positiva contingente se associa com níveis mínimos de ansiedade. Considerando os resultados do presente estudo como parciais, pode-se concluir que há associação entre a liderança do treinador percebida pelos atletas e os níveis de ansiedade na presente amostra. Isso não significa que em amostras diferentes, em outras regiões e contextos os resultados serão os mesmos.

Acredita-se ainda que as variáveis sociodemográficas possam ter relação com o nível de ansiedade desenvolvido em atletas. Nesta pesquisa, foi indicado que os atletas de futebol que possuem acompanhamento psicológico em sua equipe apresentaram índice mais baixo de ansiedade em comparação aos que não possuem.

Por fim, esse estudo buscou associar a influência do estilo de liderança do treinador com os níveis de ansiedade percebida pelos atletas da categoria sub-20 de clubes de futebol do Rio de Janeiro. O estudo também identificou o estilo de liderança do treinador mais frequente na percepção dos atletas, os níveis de ansiedade dos atletas e comparou os dados sociodemográficos com o nível de ansiedade. Os resultados encontrados corroboram diretamente com a hipótese inicial desse estudo.

Diante dos achados estatísticos significativos entre a associação de liderança e ansiedade, considera-se que devido às limitações deste estudo e da escassez de pesquisas que correlacionem essas duas variáveis, a presente investigação pode se tornar ponto de partida para novas análises e reitera que a presença de um psicólogo esportivo pode auxiliar na regulação emocional da equipe esportiva, assim podendo o atleta oportunizar um melhor desempenho.

Ao considerar as limitações apresentadas neste estudo, espera-se que novos estudos sejam realizados dentro desse contexto, levando em consideração, principalmente, o quanto as outras variáveis como, por exemplo, as sociodemográficas podem interferir também no nível de ansiedade dos atletas e no contexto esportivo que, como já exposto, pode ser altamente estressor.



## REFERÊNCIAS

- American Psychiatric Association - APA. (2014). *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders, Fifth Edition (DSM-5)*. Arlington, VA: American Psychiatric Association.
- Bandura, A. (1994). Self-efficacy. In V. S. Ramachandran (Ed.), *Encyclopedia of human behavior* (Vol. 4, pp. 71-81). New York: Academic Press. (Reprinted in H. Friedman [Ed.], *Encyclopedia of mental health*. San Diego: Academic Press, 1998).
- Barale, R. F. (2009). *Adaptação da Escala Multidimensional de Liderança no Desporto – Versão Comportamentos Atuais – para o contexto brasileiro de esportes coletivos*. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal de Uberlândia.
- Barlow, D. H. (1991). Disorders of emotion. *Psychological Inquiry*, 2(1), 58–71. [https://doi.org/10.1207/s15327965pli0201\\_15](https://doi.org/10.1207/s15327965pli0201_15)
- Barreiros, A. N. et al. (2011). O que pensam os treinadores portugueses da 1ª liga sobre a importância da intervenção psicológica no Futebol profissional? *Motriz*, Rio Claro, v.17 n.1, p.128-137.
- Barrow, J. (1977). The variables of leadership: a review and conceptual framework. *Academy of Management Review*, 2, 231-251.
- Bartholomeu, D.; Machado, A. A.; Spigato, F.; Bartholomeu, L. L.; Cozza, H. F. P.; Montiel, J. M. (2010). Traços de personalidade, ansiedade e depressão em jogadores de futebol. *Revista Brasileira de Psicologia do Esporte*, São Paulo, v.3, nº- 4
- Becker-Júnior, B. (2002). *Psicologia aplicada ao treinador esportivo*. Novo Hamburgo: Feevale.
- Becker-Júnior, B.; Teloken, E. (2000). A criança no esporte. In: Becker Jr., B. (Org.). *Psicologia aplicada à criança no esporte* (pp. 15-30). Novo Hamburgo: Feevale.
- Brandão, M. R. F.; Carchan, D. (2010). Comportamento preferido de liderança e sua influência no desempenho dos atletas. *Motricidade*, v.6 n.1 Vila Real.
- Brandão, R.; Machado, A. A.; Morgado, F. A. B., & Almeida, P. (2008). O futebol e seu significado. *Motriz*. *Journal of Physical Education UNESP*. <https://doi.org/10.5016/1922>
- Broadbent, D. P., Gredin, N. V., Rye, J. L., Williams, A. M., & Bishop, D. T. (2018). The impact of contextual priors and anxiety on performance effectiveness and processing efficiency in anticipation. *Cognition and Emotion*, 1–8. doi:10.1080/02699931.2018.1464434
- Cano, L. A.; Zafra, A. O., & Toro, E. O. (2010). Lucía Abenza Cano Aurelio Olmedilla Zafra Enrique Ortega Toro. *Revista Latinoamericana de Psicología*. Volumen 42 No 2 pp. 265-277. ISSN 0120-0534

- Castro, D. S. et al. (2018). Self-Efficacy, Precompetitive Anxiety and Self-Perception of Performance in Under 17 and Juvenile Soccer Players. *MHSalud* [online]. vol.15, n.2, pp.36-54. ISSN 1659-097X. <http://dx.doi.org/10.15359/mhs.15-2.3>.
- Castro-Sánchez, M.; Zurita-Ortega, F.; Chacón-Cuberos, R., & Lozano-Sánchez, A. M. (2019). Motivational climate and levels of anxiety in soccer players of lower divisions. *Nuevas tendencias em Educação Física, Deportes y Recreación*. Num. 35. <https://recyt.fecyt.es/index.php/retos/article/view/63308>
- Chell, B. J., Graydon, J. K., Crowley, P. L., & Child, M. (2003). Manipulated Stress and Dispositional Reinvestment in a Wall-Volley Task: An Investigation into Controlled Processing. *Perceptual and Motor Skills*, 97(2), 435–448. doi:10.2466/pms.2003.97.2.435
- Chelladurai, P. (1984). Discrepancy Between Preferences and Perceptions of Leadership Behavior and Satisfaction of Athletes in Varying Sports. *Journal of Sport Psychology*, 6(1), 27–41.
- Chelladurai, P. (1989). *Manual for the leadership scale for sports*. London, Ontario: University of Western Ontario.
- Chelladurai, P. & Saleh, S. D. (1980). Dimensions of Leader Behavior in Sports: Development of a Leadership Scale. *Journal of Sport Psychology*, 2(1), 34–45.
- Chiavenato, I. (2003). *Introdução a Teoria Geral da Administração*, 7ª edição. Rio de Janeiro: Elsevier.
- Conselho Federal de Psicologia – CFP. (2003). Resolução 002/2003. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/05/resoluxo022003.pdf>
- Conselho Nacional de Saúde. Norma Operacional nº 001 (2013).
- Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 510 (2016).
- Costa, I. T. & Samulski, D. M. (2006). O perfil de liderança dos treinadores de futebol do Campeonato Brasileiro Série A/2005. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*. V20, N3. doi: <https://doi.org/10.1590/S1807-55092006000300003>
- Costa, I. T.; Samulski, D. M., & Costa, V. T. (2009). Análise do perfil de liderança dos treinadores das categorias de base do futebol brasileiro. *Rev. bras. Educ. Fís. Esporte*, São Paulo, v.23, n.3, p.185-94.
- Costa, I. T.; Samulski, D. M., & Marques, M. P. (2006). Análise do perfil de liderança dos treinadores de futebol do Campeonato Mineiro de 2005. *Revista Brasileira Ciência e Movimento*; 14(3): 55-62.
- Cratty, B. J. (1984). *Psicologia do esporte*. 2 ed. Rio de Janeiro: Prentice Hall do Brasil.
- Cunha, J. A. (2001). *Manual da versão em português das escalas Beck*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Damásio, A. (1996). *O erro de Descartes: Razão e emoção no cérebro humano*. São Paulo: Cia das Letras.

Da Matta, R. (1994). Antropologia do óbvio: notas em torno do significado social do futebol brasileiro. *Revista Dociê Futebol USP*. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i22p10-17>

Darwin, C. (1876). *A expressão das emoções nos homens e nos animais*. São Paulo: Cia. das Letras, edição 2009.

De La Pena, D., Khoo, A., & Murray, N. P. (2010). Paradoxical-Success Imagery in the Field. *Journal of Imagery Research in Sport and Physical Activity*, 5(1). doi:10.2202/1932-0191.1046

De Rose Jr., D. (2009). Esporte, competição e estresse: implicações na infância e na adolescência. In: De Rose Jr., D. & Cols. *Esporte e Atividade Física na Infância e na Adolescência: uma abordagem multidisciplinar* (pp. 103-114 2a ed.). Porto Alegre: Artmed.

Fernandez-García, R.; Ortega, F. Z.; Girela, D. L.; Sandoval, J. A.; De La Fuente, F. P., & Manrique, M. L. (2014). Relación entre la ansiedad estado/rasgo, posición en el terreno de juego y ocurrencia de lesiones deportivas [Relationship between anxiety and self-esteem, field position and development of physical injuries]. *Universitas Psychologica*, 13(2), 433–441.

Field, A. (2000). *Discovering statistics using SPSS*. London: SAGE Publications.

Fortes, L. de S., Lima, R. C. R. de, Almeida, S. S., Fonseca, R. M. C., Paes, P. P., & Ferreira, M. E. C. (2018). Effect of Competitive Anxiety on Passing Decision-Making in Under-17 Soccer Players. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 28(0). doi:10.1590/1982-4327e2820

Garcia, D. S. R. C. (2013). *Estilos de Liderança na Equipa Profissional do Estoril-Praia*. Dissertação de Mestrado – Universidade Técnica de Lisboa.

Garcia-Mas et al. (2011). Ansiedad competitiva y clima motivacional en jóvenes futbolistas de competición, en relación con las habilidades y el rendimiento percibido por sus entrenadores. *Revista de Psicología del Deporte* 20(1):197-207.

Gjesdal, S.; Stenling, A.; Solstad, B. E.; Ommundsen, Y. (2019). A study of coach-team perceptual distance concerning the coach-created motivational climate in youth sport. *Scand J Med Sci Sports*. 2019 Jan;29(1):132-143.

Gomes, R. (2005). *Escala Multidimensional de Liderança no Desporto – EMLD*. Universidade do Minho.

Gonçalves, M. P.; Belo, R. P. (2007). Ansiedade-traço competitiva: diferenças quanto ao gênero, faixa etária, experiência em competições e modalidade esportiva em jovens atletas. *Psico-USF*, v. 12, n. 2, p. 301-307.

Guido, S. R. (2017). *Introdução à análise de dados categóricos com aplicações*. Blucher: São Paulo.

Gulliver, A.; Griffiths, K. M.; Mackinnon, A.; Batterham, P. J., & Stanimirovic, R. (2015). The mental health of Australian elite athletes. *Journal of Science and Medicine in Sport*, 18(3), 255–261. doi:10.1016/j.jsams.2014.04.006

- Henschen, K. P., & Statler, T. (2002). O burnout e staleness atlético: uma saga constante. In: Becker-Junior, B. (Org.). *Psicologia aplicada ao treinador esportivo*. Novo Hamburgo: FEEVALE, 2002. p.187-202.
- Hernandez, J. A. E.; Voser, R. C. (2012). Validação da escala de liderança para o esporte: versão preferência dos atletas. *Psicol. cienc. prof.* vol.32 no.1 Brasília.
- Horikawa, M. & Yagi, A. (2012). The Relationships among Trait Anxiety, State Anxiety and the Goal Performance of Penalty Shoot-Out by University Soccer Players. *PLoS ONE*, 7(4), e35727. doi:10.1371/journal.pone.0035727
- Kang, H. & Jang, S. (2018). Effects Of Competition Anxiety On Self-Confidence In Soccer Players. *Journal of Men's Health*. Vol 14. <https://doi.org/10.22374/1875-6859.14.3.9>
- Kfourri, J. (2013). *Por que Não Desisto - Futebol, Dinheiro e Política*. Disal Editora: São Paulo.
- Lins, F. R. W.; Silva, V. F. (2010). A incidência padrão da atividade cortical e a influência da potencialização cerebral sobre os efeitos da ansiedade na execução do pênalti em atletas de futebol de campo. *Fitness & Performance*. Rio de Janeiro, v.9, n.1, p.93-99. Rio de Janeiro.
- Lopes, L. S. (2008). Avaliação do comportamento tático no futebol de campo: um estudo do perfil de tomada de decisão do atleta e sua relação com a percepção sobre o estilo de liderança do treinador. Dissertação de Mestrado – Universidade de Brasília.
- Manoel, C. L. L. (1994). Competitive anxiety between males and females: an analysis of its dimensions and antecedents. *Revista Paulista de Educação Física*, 8(2), 36. doi:10.11606/issn.2594-5904.rpef.1994.138433
- Marten, S. R.; Landers, D. M. (1990). Motor performance under stress. A test of the inverted-U hypothesis. *Journal of Personality and Social Psychology*, n.16, p.29- 37.
- Martens, R.; Vealley, R.S., & Burton, D. (1990). Competitive anxiety in sport. Champaign, Human Kinetics.
- Melo, L. B. S.; Soares, A. J. G., & Rocha, H. P. A. (2014). Perfil educacional de atletas em formação no futebol no Estado do Rio de Janeiro. *Rev Bras Educ Fís Esporte*, (São Paulo) Out-Dez; 28(4):617-28.
- Moher, D.; Liberati, A.; Tetzlaff, J.; Altman, D. G., & PRISMA Group (2009). Preferred reporting items for systematic reviews and meta-analyses: the PRISMA Statement. *BMJ* 2009, 339:b2535.
- Muchuane, D. V. (2001). Estudo da ansiedade pré-competitiva em atletas moçambicanos de Natação e Atletismo. 96 f. Dissertação (Mestrado em Ciência do Desporto) - Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física, Universidade do Porto, 2001.
- Mudimela, S. S. R. (2010). Impact of level of participation on aggression, anxiety, achievement motivation and performance among soccer players. *British Journal of Sports Medicine*, 44(Suppl\_1), i61–i61. doi:10.1136/bjism.2010.078725.206

- Navia, J. A.; Van Der Kamp, J.; Avilés, C., & Aceituno, J. (2019). Self-Control in Aiming Supports Coping With Psychological Pressure in Soccer Penalty Kicks. *Frontiers in Psychology*, 10. doi:10.3389/fpsyg.2019.01438
- Olmedilla, A.; García, C., & Martínez, F. (2006). Factores psicológicos vulnerabilidad a las lesiones deportivas: un estudio futbolistas. *Revista de Psicología del Deporte*. Vol 15, n 1.
- Olmedilla, A.; Ortega, E., & Gómez, J. M. (2014). Influence of sports injury changes in mood and precompetitive anxiety in soccer players. *Cuadernos de Psicología del Deporte* 2014 Vol.14 No.1 pp.55-61 ref.59.  
<https://www.cabdirect.org/cabdirect/abstract/20143112432>
- Pervin, L. A.. & John, O. P. (2004). *Personalidade - Teoria e Pesquisa*. (8ª ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Pujals, C.; Vieira, L. F. (2002). Análises dos fatores psicológicos que interferem no comportamento dos atletas de futebol de campo. *Revista da Educação Física/UEM*. v.13, n.1, p.89-97, 2002.
- Reeve, J. (2006). *Motivação e emoção*. 4ª ed. Rio de Janeiro: LTC.
- Riemer, H. A.; Chelladurai, P. (1995). Leadership and Satisfaction in Athletics. *Human Kinetics Journals Volume 17 Issue 3, September 1995*
- Rodrigues, F. X. F. (2004). Modernidade, disciplina e futebol: uma análise sociológica da produção social do jogador de futebol no Brasil. *Sociologias [online]*. n.11, pp.260-299. ISSN 1517-4522. <https://doi.org/10.1590/S1517-45222004000100012>.
- Rohlf, I. C. P. M. et al. (2008). A Escala de Humor de Brunel (Brums): instrumento para detecção precoce da síndrome do excesso de treinamento. *Rev Bras Med Esporte [online]*. vol.14, n.3, pp.176-181. ISSN 1517-8692. <https://doi.org/10.1590/S1517-86922008000300003>.
- Roman, S. & Savoia, M. G. (2003). Pensamentos automáticos e ansiedade num grupo de jogadores de futebol de campo. *Psicol. teor. prat. [online]*. vol.5, n.2, pp. 13-22. ISSN 1516-3687.
- Samulski, D. (2009). *Psicologia do Esporte: conceitos e novas perspectivas* (2ª ed.). Barueri: Manole.
- Santos, A. C. & Rodrigues, J. J. F. (2008). Análise da instrução do treinador de futebol: comparação entre a preleção de preparação e a competição. *Fitness & Performance*. doi: 10.3900/fpj.7.2.112.p
- Santos, P. B. (2011). *Estresse psicofisiológico em atletas de futebol de campo da categoria Sub-17*. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal do Paraná, Curitiba-PR.
- Santos, S. G.; Pereira, S. A. (1997). Perfil do nível de ansiedade-traço pré-competitiva de atletas de esportes coletivos e individuais do Estado do Paraná. *Movimento – Ano IV – nº 6*.

Scanlan, T. K.; Passer, M. W. (1978). Factors related to competitive stress among male youth sport participants. *Med Sci Sports*. 1978 Summer;10(2):103-8.

Schaal, K., Tafflet, M., Nassif, H., Thibault, V., Pichard, C., Alcotte, M., ... Toussaint, J.-F. (2011). Psychological Balance in High Level Athletes: Gender-Based Differences and Sport-Specific Patterns. *PLoS ONE*, 6(5), e19007. doi:10.1371/journal.pone.0019007

Schmidt, SCE, Gnam, J.-P., Kopf, M., Rathgeber, T., & Woll, A. (2020). A influência do cortisol, do fluxo e da ansiedade no desempenho em esportes eletrônicos: um estudo de campo. *BioMed Research International*, 2020, 1-6. doi: 10.1155 / 2020/9651245

Serpa, S.; Lacoste, P.; Antunes, I.; Pataco, V., & Santos, F. (1989). Metodología de traducción y adaptación de un 'examen específico del deporte'. La escala de liderazgo en el deporte. In *Comunicación presentada en el 2º Simposio Nacional de Investigación en Psicología*. Lisboa.

Simões, A. C. (1994). Esporte: Análise do comportamento de liderança de técnicos de handebol. *Revista Paulista de Educação Física*, 8(1), 17-29.  
<https://doi.org/10.11606/issn.2594-5904.rpef.1994.138416>

Sistema de Avaliação de Testes Psicológicos – SATEPSI. (2018). Disponível <http://satepsi.cfp.org.br/>

Sonoo, C. N.; Hoshino, E. F.; Vieira, L. F. (2008). Liderança esportiva: estudo da percepção de atletas e técnicos no contexto competitivo. *Psicol. teor. prat.* v.10 n.2 São Paulo.

Spielberger, C. D. (1972). *Anxiety: current trends in theory and research*. New York: Academic Press.

Weinberg, R. S., & Gould, D. (2001). *Fundamentos da Psicologia do Esporte e do Exercício* (2a ed.). Porto Alegre: Artmed.

Weineck, J. (2005). *Biologia do Esporte*. 7 ed. São Paulo: Manole.

Wolff, A. A. (2015). Autoconfiança: a crença na capacidade de fazer. In: Wolff, A. A. (Org.). *Pensamento Campeão: melhorando o desempenho esportivo por meio da preparação mental* (pp. 60 -76). Rio de Janeiro: Cognitiva.

## ANEXO A – Artigos elegíveis por título e resumo

Base de dados	Sequência	Artigo	Autores	Periódico	Ano de publicação	Idioma	Tema	Objetivo do estudo	Amostra	Metodologia	Instrumentos			Resultados	Conclusão	Juizadores			Resultado Final
											Questionário	Escala	Inventário			Jul 1	Jul 2	Jul 3	
UllACS	1	Effect of Competitive Anxiety on Training Decision-Making in U19s Under-17 Soccer Players / Efeito da Ansiedade Competitiva Sobre a Tomada de Decisão do Passa em Atletas de Futebol da Categoria Sub-17 / Remate Ansedado	Ferreira, Leonardo (Sibéria) [Brasil]	Revista Latinoamericana de Psicologia	2010	inglês	ansiedade competitiva * desempenho decisão na tomada de decisão do atleta	Analisar o efeito da ansiedade competitiva sobre a tomada de decisão do passe em jogadores atletas de futebol	40 atletas da categoria sub-17	Quantitativa	Questionário na	na	na	Os resultados apontaram influência significativa da ansiedade competitiva ( $r^2 = .20$ ; $p = .001$ ), da ansiedade somática ( $r^2 = .45$ ; $p = .001$ ) e da autoconfiança sobre o índice de decisão do passe ( $r^2 = .31$ ; $p = .001$ )	Concluiu-se que a ansiedade competitiva pode ser considerada um fator interferente na tomada de decisão do passe de jovens atletas de futebol do sexo masculino.	Inc	Inc	Inc	Aprovado
UllACS	2	Efectos de las lesiones sobre las variables psicológicas en futbolistas juveniles / Efectos of injuries on psychological variables among under-19 soccer players	Almeida, Carlos, Oliveira, Cláudia, Zaffra, Aurélio, Ortega, Toral, Enrique	Revista Latinoamericana de Psicologia	2010	Espanhol	Efeitos das lesões nas variáveis psicológicas	Conhecer a influência das lesões na ansiedade, autoconfiança, avaliação de desempenho e concentração	253 jogadores de futebol juvenil	Quantitativa	1. Questionário de autoavaliação sobre lesões. 2. Questionário de Características Psicológicas Relacionado com desempenho apontou em jogadores de futebol (CPID-1) de Oliveira (2005).	na	na	Foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os dois grupos: lesionados e não lesionados, que a função discriminante em cada grupo: que existe uma relação entre lesões e não lesões, pelo mesmo quando estático; em relação ao desempenho: ansiedade, autoconfiança e influência de avaliação de desempenho.	Na presente trabalho, com jogadores de futebol juvenil, descobrimos que existe uma relação entre lesões e não lesões, pelo mesmo quando estático; em relação ao desempenho: ansiedade, autoconfiança e influência de avaliação de desempenho.	Inc	Inc	Inc	Aprovado

Base de dados	Sequência	Artigo	Autores	Periódico	Ano de Publicação	Idioma	Tema	Objetivo do estudo	Amostra	Metodologia	Instrumentos			Resultados	Conclusão	Julgadores			Resultado final	
											Questionário	Escala	Inventário			Jul 1	Jul 2	Jul 3		
PsycInfo	3	O impacto do engajamento no desempenho da psicologia nos clubes de futebol no futebol.	Nevill, A., Kerr, J., Arenton, L.	Frontiers in Psychology	2019	Inglês	Investiga o impacto do engajamento no desempenho da psicologia nos clubes de futebol.	Fazer análise estatística a partir de dados de valores de jogadores para determinar qual o melhor que os atletas contribuem para o clube quando estão no campo ou se eles têm um impacto no clube. Para isso, foi realizado um experimento que manipulou o grau de controle dos jogadores de futebol em tomadas de decisões.	Dois grupos de jogadores de futebol com idades entre 19 e 38 anos.	Quantitativa	na	na	na	Primeiro antes da realização dos testes, o CSAT-2 foi usado para medir a ansiedade e a autoconfiança, a soma das respostas cognitivas e cognitivas.	Os resultados verificaram aumento dos níveis de ansiedade cognitiva e autoconfiança após a realização dos testes, no grupo prescrito de jogadores em comparação ao grupo sem prescrição.	Os resultados indicam que o engajamento aumentado após a realização dos testes com os atletas dedicados da psicologia e pode contribuir para melhorar o desempenho.	na	na	na	Aprovado
PsycInfo	4	O impacto dos antecedentes contextuais e da ansiedade na eficácia do desempenho e na eficiência do processamento em antecipação.	Brockhaus, J., Gredin, N., Rye, A., Williams, A., Bishop, D.	Frontiers in Psychology	2019	Inglês	Antecedentes contextuais e ansiedade no desempenho contextual e ansiedade na antecipação no futebol.	Fornecemos uma nova visão sobre o impacto contextual de jogadores de futebol especialistas.	12 jogadores de futebol especialistas.	Quantitativa	na	na	na	na	A eficiência do desempenho e a eficiência do processamento foram medidas em quatro condições: sem antecedentes contextuais (C), com antecedentes contextuais (A), sem ansiedade (N) e com ansiedade (A). O desempenho parece que a ansiedade e as informações contextuais não afetam a eficiência do processamento, mas melhoram a eficiência do desempenho em condições independentes um do outro.	A ansiedade afetou negativamente a eficiência do processamento, mas não afetou o uso de antecedentes contextuais nem influenciou a eficiência do desempenho. Parece que a ansiedade e as informações contextuais afetam os antecedentes contextuais, mas não afetam os recursos atencionais independentes um do outro.	na	na	na	Aprovado



Base de dados	Sequência	Artigo	Autores	Periódico	Ano de publicação	Idioma	Tema	Objetivo do estudo	Amostra	Metodologia	Instrumentos		Resultados	Conclusão	Julgadores			Resultado Final
											Questionário	Escala de Análise de Traço de Spitzberg			Inc	Inc	Inc	
PSYAMED	5	As relações entre traço e estado de ansiedade: um objetivo desentregado da psicanálise por investigadores de futebol jogadores.	Horikawa M, Vieg A	Psy: core	2012	inglês	Ansiedade traço e estado de ansiedade com perfil de personalidade, influência a ansiedade do estado e o desempenho dos jogadores sob pressão por futebol.	Examinar a ação da personalidade caracterizada por uma característica de personalidade, influência a ansiedade do estado e o desempenho dos jogadores sob pressão por futebol.	14 jogadores universitários de futebol.	Quantitativa	na	na	O resultado mostrou um efeito principal significativo de interação. Os escores de ansiedade do estado aumentaram mais e o número de objetivos bem sucedidos diminuiu mais em grupos de alta característica do que em grupos de baixa característica sob condições intrínsecas de pressão.	Essas descobertas sugerem que jogadores com escores mais altos de ansiedade em traços tendem a experimentar um aumento da ansiedade do estado sob uma condição de pressão, e uma ansiedade maior do estado interfere no desempenho da meta.	Inc	Inc	Inc	Aprovado
RISBMEH	5	Maintained stress and dispositional well-being: task, emotion, and cognition investigation into processing.	Chaff Bl, Graydon JK, Conroy P, Child	Perceptual and Motor Skills	2003	inglês	Estresse mantido em tarefas de jogadores de futebol.	Examinar a ação da personalidade caracterizada por uma característica de personalidade, influência a ansiedade do estado e o desempenho dos jogadores sob pressão.	14 jogadores universitários de futebol.	Quantitativa	na	na	Jogadores com pontuação alta na escala de reintegroimento relataram uma ansiedade significativamente maior de ansiedade somática e menor autoconfiança do que jogadores com pontuação baixa na condição de estresse alto. As pontuações de Drexler de Ansiedade indicaram que os jogadores que pontuaram alto na Escala de Reintegroimento relataram que o aumento na atividade somática e a redução da autoconfiança na condição de alto estresse são significativamente mais desafiadoras do desempenho do jogo que os jogadores que pontuaram baixo na Escala de Reintegroimento.	As pontuações na Escala de Reintegroimento que os jogadores que pontuaram alto na Escala de Reintegroimento eram mais propensas a responderem a pressão em processo controlado, i.e., espontaneamente, experimentaram atividade somática e a redução na autoconfiança na condição de alto estresse são significativamente mais desafiadoras do desempenho do jogo que os jogadores que pontuaram baixo na Escala de Reintegroimento.	Inc	Inc	Inc	Aprovado


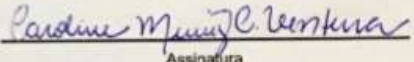
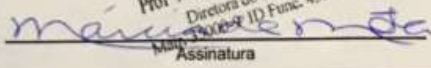
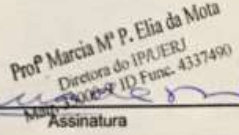
Base de dados	Sequência	Artigo	Autores	Período	Ano de publicação	Idioma	Tema	Objetivo do estudo	Amostra	Metodologia	Instrumentos			Resultados	Conclusão	Indicadores			Resultado final
											Quantitativo	Qualitativo	Interventivo			Ind 1	Ind 2	Ind 3	
CAPES	7	Impact of level of participation on aggression, anxiety, achievement, motivation and performance among soccer players.	Mudrack, Sue, Sander, Kelly	Journal of Sports Medicine	2012	inglês	Agrupada, precedida e motivação e desempenho futebol	Estudar o impacto do nível de participação em fatores psicológicos, como agressão, ansiedade, motivação e desempenho.	Esportes e atletas profissionais de futebol representando três níveis universitários, inter-colégios, elite colégios, consultores e amadores do esporte.	Quantitativa	Teste de Cronbach	Escala de classificação	Teste de Mann-Whitney U	As mudanças das análises indicaram que a ansiedade foi significativamente maior na autoconfiança no grupo controle (-4,2%) face -50,7% (comparação de diferenças em nível mínimo) Z = 2,533. Su maior que o crítico de rejeição de 1,156. $p < 0,05$ ; t 2,58. $p < 0,01$ . Com efeito de moderação após controle de 59%	Existem encorajamentos e níveis mais altos de participação em relação apenas a desconfiança na conquista da agência, que contribuiu significativamente para o desempenho, enquanto a ansiedade tem um impacto negativo no desempenho.	Ind 1	Ind 2	Ind 3	Aprovado
							Anualidade competitiva na autoconfiança	Verificar os efeitos moduladores de jogos em casa e fora de casa entre bases nas regiões entre o nível de habilidade e o nível de desempenho de jogadores de futebol.	116 jogadores profissionais de futebol da área de Seul, Coreia do Sul, que foram recrutados na Associação de Futebol da Coreia em 2016	Quantitativa	na	na	na	Os resultados indicaram que a autoconfiança foi significativamente maior na autoconfiança no grupo controle (-4,2%) face -50,7% (comparação de diferenças em nível mínimo) Z = 2,533. Su maior que o crítico de rejeição de 1,156. $p < 0,05$ ; t 2,58. $p < 0,01$ . Com efeito de moderação após controle de 59%	Existem encorajamentos e níveis mais altos de participação em relação apenas a desconfiança na conquista da agência, que contribuiu significativamente para o desempenho, enquanto a ansiedade tem um impacto negativo no desempenho.	Ind 1	Ind 2	Ind 3	Aprovado

Item de dados	Sequencia	Artigo	Autores	Período	Ano de Publicação	Ítem	Tema	Objetivo do estudo	Amostra	Metodologia	Questionário	Instrumentos	Instrumentos	Instrumentos	Resultados	Conclusão	NIET 1	NIET 2	NIET 3	Situação final
CAECS	8	THE EFFECTS OF PARTICIPATING IN AEROBIC EXERCISE ON THE PHYSICAL FITNESS OF PERSONNEL IN THE UNITED STATES ARMY	Diap, Saura Camp, Diego Adreit, Cristiane Brito, Rogério JUNIOR, LIZARDI, SORRERA RAY, Sander Ueda	Medicinal	2028	Esportivo	Intensidade, auto avaliação e percepção de esforço	Realizar um estudo com amostrado, com intuito de comparar a capacidade aeróbica de indivíduos que participaram de um programa de exercícios físicos com indivíduos que não participaram de um programa de exercícios físicos	Participaram 17 de indivíduos sob 17 anos de idade e 13 de indivíduos com idade entre 17 e 20 anos. O teste foi realizado em 17/01/13	Quantitativa	Sim	Sim	Sim	Sim	Os resultados sugerem que os indivíduos que participaram do programa de exercícios físicos apresentaram melhor desempenho em comparação com os indivíduos que não participaram de um programa de exercícios físicos. A análise estatística mostrou que os indivíduos que participaram de um programa de exercícios físicos apresentaram uma melhoria significativa na capacidade aeróbica e na percepção de esforço.	Os dados indicam que os indivíduos que participaram de um programa de exercícios físicos apresentaram uma melhoria significativa na capacidade aeróbica e na percepção de esforço.	Sim	Sim	Sim	Aprovado
CAECS	10	PERFORMANCE OF AEROBIC FITNESS IN THE FIELD	De la Pina, David; Krukowski, Andrew; Murray, Michael; Parnianpour, Amir	Journal of Sport and Physical Activity	2028	Esportivo	Intensidade, auto avaliação e percepção de esforço	Realizar um estudo com intuito de comparar a capacidade aeróbica de indivíduos que participaram de um programa de exercícios físicos com indivíduos que não participaram de um programa de exercícios físicos	Participaram 17 de indivíduos sob 17 anos de idade e 13 de indivíduos com idade entre 17 e 20 anos. O teste foi realizado em 17/01/13	Quantitativa	Sim	Sim	Sim	Sim	Os resultados sugerem que os indivíduos que participaram do programa de exercícios físicos apresentaram melhor desempenho em comparação com os indivíduos que não participaram de um programa de exercícios físicos. A análise estatística mostrou que os indivíduos que participaram de um programa de exercícios físicos apresentaram uma melhoria significativa na capacidade aeróbica e na percepção de esforço.	Os dados indicam que os indivíduos que participaram de um programa de exercícios físicos apresentaram uma melhoria significativa na capacidade aeróbica e na percepção de esforço.	Sim	Sim	Sim	Aprovado

Item de dados	Sequência	Artigo	Autores	Período	Ano de Publicação	Idioma	Tema	Objetivo do estudo	Amostra	Metodologia	Instrumento	Escala	Inventário	Resultados	Conclusão	JUL 1	JUL 2	JUL 3	Resultado final
Questionário	ma	ma	ma	ma	ma	ma	ma	ma	ma	ma									
CPSS	11	Atualidade comparativa em fobias morfológicas de contabilidade, em relação com as habilidades e o rendimento pessoal, através por via especializada.	García Mas, Almudena ; Pineda, Paula; Sorroaga, Pae; Sorri, R. E.; Pons, Koldo; González, Pedro; Larrea, I.; Ojeda, I.; Landa, I.; Oña, Alena	Revista de Psicología del Deporte	2011	Espanol	Análisis comparativo de competencias y rendimiento personal en fobias morfológicas	Analizar as diferenças entre indivíduos com fobias morfológicas e indivíduos sem fobias morfológicas em relação ao rendimento pessoal (teste de habilidades)	54 jovens jogadores de futebol federado (idade média: 18,5 anos)	Quantitativa	ma	ma	ma	ma	ma	ma	ma	ma	ma
CPSS	12	Factores psicológicos asociados a las lesiones deportivas en seccion futbolista	A. Díez-Eliz ; C. García ; I. Martínez	Revista de Psicología del Deporte	2006	Espanol	Factores psicológicos asociados a las lesiones deportivas en seccion futbolista	Analizar as diferenças entre jogadores com lesões e jogadores sem lesões em relação ao rendimento pessoal (teste de habilidades)	Diferenças e similitudes entre jogadores de futebol de elite e jogadores de futebol de recreio	Quantitativa	ma	ma	ma	ma	ma	ma	ma	ma	ma
											ma	ma	ma	ma	ma	ma	ma	ma	ma

Item de dados	Sequência	Artigo	Autores	Período	Ano de Publicação	Idioma	Tema	Objetivo do estudo	Amostra	Metodologia	Instrumentos			Resultados	Conclusão	Julgadores			Resultado final	
											Questionário	Escala	Inventário			Jul. 1	Jul. 2	Jul. 3		
CAPS	11	Clima institucional e inovação de atividades em empresas inovadoras	Carro, Serebi, Mariani, Zorzi, Diniz, Cabrese, Bianchi, Luzzo, Sato Inc., Anovelli	emp	2019	Espanhol	Clima organizacional e inovação em empresas	Examinar os níveis de inovação e clima organizacional em diferentes países, bem como avaliar as diferenças entre os níveis de inovação percebida e os níveis de atividade	154 empresas de todos os setores (10 e 20 anos)	Quantitativa	Questionário de Maturation do CIMA (PMICQ-2)	na	na	na	O resultado indica que há uma diferença estatisticamente significativa entre os níveis de inovação e atividade em empresas inovadoras. Características organizacionais, como a cultura, o tamanho e a estrutura, podem influenciar os níveis de inovação percebida e os níveis de atividade.	É importante promover a inovação em empresas inovadoras e os níveis de atividade em empresas inovadoras. Os resultados do estudo indicam que há uma diferença estatisticamente significativa entre os níveis de inovação e atividade em empresas inovadoras.	na	na	na	Aprovado
CAPS	14	Relacionar entre a atividade acadêmica, prática em sala de aula e o nível de inovação em empresas inovadoras	Fernandez Garcia, Robert, Bergasa, Ortega, Felix, Llorens, Garcia, Daniel, Arriola, Sardon, Luis, Saldas del La Fuente, Frenco, Llorens, Mariscal, Maria	Univ	2014	Espanhol	Atividade acadêmica e inovação em empresas inovadoras	Analizar a influência da atividade acadêmica em empresas inovadoras e o nível de inovação percebida em empresas inovadoras	277 empresas de todos os setores	Quantitativa	Questionário de Galbraith, Green, & Lambert	na	na	na	Os resultados não mostram uma diferença estatisticamente significativa entre o nível de atividade acadêmica e o nível de inovação em empresas inovadoras. Características organizacionais, como o tamanho e a estrutura, podem influenciar os níveis de atividade acadêmica e o nível de inovação percebida em empresas inovadoras.	A principal conclusão é a importância da atividade acadêmica em empresas inovadoras. Os resultados do estudo indicam que há uma diferença estatisticamente significativa entre o nível de atividade acadêmica e o nível de inovação percebida em empresas inovadoras.	na	na	na	Aprovado

## ANEXO B – Folha de rosto para pesquisas com seres humanos

 <b>FOLHA DE ROSTO PARA PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS</b>			
1. Projeto de Pesquisa: A INFLUÊNCIA DO ESTILO DE LIDERANÇA DO TREINADOR NA PERCEPÇÃO DA ANSIEDADE DE JOVENS ATLETAS MASCULINOS DE FUTEBOL DE CAMPO			
2. Número de Participantes da Pesquisa: 60			
3. Área Temática:			
4. Área do Conhecimento: Grande Área 6. Ciências Sociais Aplicadas, Grande Área 7. Ciências Humanas, Ciências do Esporte			
PESQUISADOR RESPONSÁVEL			
5. Nome: Caroline Muniz Ferreira da Silva Camacho Ventura			
6. CPF: 139.031.277-10	7. Endereço (Rua, n.º): Rua Francisco de Menezes, 31 PAVUNA PAVUNA RIO DE JANEIRO RIO DE JANEIRO 21535170		
8. Nacionalidade: BRASILEIRO	9. Telefone: 21981099945	10. Outro Telefone:	11. Email: carolinefmuniz@hotmail.com
<p>Termo de Compromisso: Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas complementares. Comprometo-me a utilizar os materiais e dados coletados exclusivamente para os fins previstos no protocolo e a publicar os resultados sejam eles favoráveis ou não. Aceito as responsabilidades pela condução científica do projeto acima. Tenho ciência que essa folha será anexada ao projeto devidamente assinada por todos os responsáveis e fará parte integrante da documentação do mesmo.</p>			
Data: <u>30 / 09 / 2019</u>		 Assinatura	
INSTITUIÇÃO PROPONENTE			
12. Nome: Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ		13. CNPJ:	14. Unidade/Orgão: Instituto de Psicologia
15. Telefone: (21) 2334-0484	16. Outro Telefone:		
<p>Termo de Compromisso (do responsável pela instituição): Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas Complementares e como esta instituição tem condições para o desenvolvimento deste projeto, autorizo sua execução.</p>			
Responsável: <u>MARCIA M P E DA MOTA</u>		CPF: <u>945 111 797 00</u>	
Cargo/Função: <u>DIRETORA DO TP</u>		 Assinatura	
Data: <u>30 / 09 / 2019</u>			
PATROCINADOR PRINCIPAL			
Não se aplica.			

**ANEXO C – Modelo de carta de anuência enviado para as instituições cedentes para coleta de dados**

**MODELO DE CARTA DE ANUÊNCIA A SER ENVIADO PARA AS INSTITUIÇÕES CEDENTES PARA COLETA DE DADOS**

**Dados da Instituição cedente**

Nome:

Endereço:

Contatos:

Aceito que a pesquisadora **Caroline Muniz Ferreira da Silva Camacho Ventura**, pertencente à **Universidade do Estado do Rio de Janeiro** desenvolva sua pesquisa intitulada **A INFLUÊNCIA DO ESTILO DE LIDERANÇA DO TREINADOR NA PERCEPÇÃO DA ANSIEDADE DE JOVENS ATLETAS MASCULINOS DE FUTEBOL DE CAMPO**, tal como foi submetida à Plataforma Brasil, sob a orientação da professora Dra **Angela Josefina Donato Oliva**, vinculada ao **IP – Instituto de Psicologia da UERJ e Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social – UERJ**.

Ciente dos objetivos, métodos e técnicas que serão utilizados nessa pesquisa, concordo em contribuir para a coleta de dados nessa instituição, assegurando que:

1. Esta pesquisa opera eticamente pelas Resolução CNS nº 510/2016 e a Norma Operacional nº 001/2013;
2. A garantia de solicitar e receber esclarecimentos antes, durante e depois do desenvolvimento da pesquisa, como seus resultados finais, protegendo a identidade de cada participante e instituições cedentes;
3. Que não haverá nenhum custo financeiro para esta instituição que seja decorrente da participação nessa pesquisa;
4. A coleta de dados será realizada em uma visita única, estimando-se o tempo total dos procedimentos em 30 minutos;
5. O espaço necessário para a coleta de dados exige apenas uma sala sem interferências externas, para que os participantes possam responder aos instrumentos;
6. O não cumprimento dos itens acima, torna possível a retirada da anuência da instituição a qualquer momento da pesquisa sem penalização alguma;
7. Este projeto poderá ser realizado somente após aprovação do Comitê de Ética da Plataforma Brasil.
8. A Instituição e seus participantes terão participação voluntária e podem interromper sua participação no momento que desejarem.
9. Todas as demais informações necessárias constam no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido em anexo a este documento.

Local e data

---

Assinatura do responsável pela instituição

Dados profissionais e contato



## ANEXO D – Cartas de autorização para coleta de dados



**CARTA DE ANUÊNCIA PARA AUTORIZAÇÃO DE COLETA DE DADOS EM  
PESQUISA CIENTÍFICA**

**Dados da Instituição cedente**Nome da Instituição: **America Football Club**

Endereço: Rua Cosmorama, 200 – Cosmorama, Mesquita - RJ

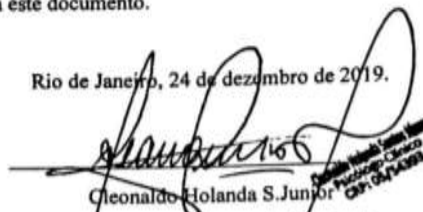
Contatos: (21) 26963389

Aceito que a pesquisadora **Caroline Muniz Ferreira da Silva Camacho Ventura**, pertencente à **Universidade do Estado do Rio de Janeiro** desenvolva sua pesquisa intitulada **A INFLUÊNCIA DO ESTILO DE LIDERANÇA DO TREINADOR NA PERCEPÇÃO DA ANSIEDADE DE JOVENS ATLETAS MASCULINOS DE FUTEBOL DE CAMPO**, tal como foi submetida à Plataforma Brasil, sob a orientação da professora Dra **Angela Josefina Donato Oliva**, vinculada ao **IP – Instituto de Psicologia da UERJ e Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social – UERJ**.

Ciente dos objetivos, métodos e técnicas que serão utilizados nessa pesquisa, concordo em contribuir para a coleta de dados nessa instituição, assegurando que:

1. Esta pesquisa opera eticamente pelas Resolução CNS nº 510/2016 e a Norma Operacional nº 001/2013;
2. A garantia de solicitar e receber esclarecimentos antes, durante e depois do desenvolvimento da pesquisa, como seus resultados finais, protegendo a identidade de cada participante e instituições cedentes;
3. Que não haverá nenhum custo financeiro para esta instituição que seja decorrente da participação nessa pesquisa;
4. A coleta de dados será realizada em uma visita única, estimando-se o tempo total dos procedimentos em 30 minutos;
5. O espaço necessário para a coleta de dados exige apenas uma sala sem interferências externas, para que os participantes possam responder aos instrumentos;
6. O não cumprimento dos itens acima, torna possível a retirada da anuência da instituição a qualquer momento da pesquisa sem penalização alguma;
7. Este projeto poderá ser realizado somente após aprovação do Comitê de Ética da Plataforma Brasil.
8. A Instituição e seus participantes terão participação voluntária e podem interromper sua participação no momento que desejarem.
9. Todas as demais informações necessárias constam no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido em anexo a este documento.

Rio de Janeiro, 24 de dezembro de 2019.

  
 Cleonaldo Holanda S. Junior  
 Chefe do Departamento de Psicologia  
 Tel: 21-98738.5355





**FLUMINENSE FOOTBALL CLUB**  
**Centro de Treinamento Vale das Laranjeiras**  
**Categorias de Base**

**CARTA DE ANUÊNCIA PARA AUTORIZAÇÃO DE COLETA DE DADOS EM PESQUISA CIENTÍFICA**

**Dados da Instituição cedente**

Nome da Instituição: Centro de Treinamento Vale das Laranjeiras - CTVL - Categorias de Base do Fluminense Football Club

Endereço: Avenida, R. Pastor Manoel Avellino de Souza, 859 - Xerém, Duque de Caxias - RJ, 25250-000


Contatos: (21) 3178-7001

Aceito que a pesquisadora **Caroline Muniz Ferreira da Silva Camacho Ventura**, pertencente à **Universidade do Estado do Rio de Janeiro** desenvolva sua pesquisa intitulada **A INFLUÊNCIA DO ESTILO DE LIDERANÇA DO TREINADOR NA PERCEÇÃO DA ANSIEDADE DE JOVENS ATLETAS MASCULINOS DE FUTEBOL DE CAMPO**, tal como foi submetida à Plataforma Brasil, sob a orientação da professora **Dra Angela Josefina Donato Oliva**, vinculada ao **IP - Instituto de Psicologia da UERJ e Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social - UERJ**.

Ciente dos objetivos, métodos e técnicas que serão utilizados nessa pesquisa, concordo em contribuir para a coleta de dados nessa instituição, assegurando que:

1. Esta pesquisa opera eticamente pelas Resolução CNS nº 510/2016 e a Norma Operacional nº 001/2013;
2. A garantia de solicitar e receber esclarecimentos antes, durante e depois do desenvolvimento da pesquisa, como seus resultados finais, protegendo a identidade de cada participante e instituições cedentes;
3. Que não haverá nenhum custo financeiro para esta instituição que seja decorrente da participação nessa pesquisa;
4. A coleta de dados será realizada em uma visita única, estimando-se o tempo total dos procedimentos em 30 minutos;
5. O espaço necessário para a coleta de dados exige apenas uma sala sem interferências externas, para que os participantes possam responder aos instrumentos;
6. O não cumprimento dos itens acima, torna possível a retirada da anuência da instituição a qualquer momento da pesquisa sem penalização alguma;
7. Este projeto poderá ser realizado somente após aprovação do Comitê de Ética da Plataforma Brasil.
8. A Instituição e seus participantes terão participação voluntária e podem interromper sua participação no momento que desejarem.
9. Todas as demais informações necessárias constam no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido em anexo a este documento.

Rio de Janeiro, 06 / dezembro / 2019

  
 Fluminense Football Club  
**Marcelo Veiga**  
 Coordenador Técnico  
 Categorias de Base



CLUBE ATLÉTICO BARRA DA TIJUCA

**CARTA DE ANUÊNCIA PARA AUTORIZAÇÃO DE COLETA DE DADOS EM PESQUISA CIENTÍFICA**

**Dados da Instituição cedente**

Nome: **CLUBE ATLÉTICO BARRA DA TIJUCA**

Endereço: **Av. Jornalista Ricardo Marinho, 360 – sala126, Barra da Tijuca, Rio de Janeiro - RJ**

Contatos: [cabarradatijuca@gmail.com](mailto:cabarradatijuca@gmail.com) – (21) 99994-0909

Aceito que a pesquisadora **Caroline Muniz Ferreira da Silva Camacho Ventura**, pertencente à **Universidade do Estado do Rio de Janeiro** desenvolva sua pesquisa intitulada **A INFLUÊNCIA DO ESTILO DE LIDERANÇA DO TREINADOR NA PERCEPÇÃO DA ANSIEDADE DE JOVENS ATLETAS MASCULINOS DE FUTEBOL DE CAMPO**, tal como foi submetida à Plataforma Brasil, sob a orientação da professora **Dra Angela Josefina Donato Oliva**, vinculada ao **IP – Instituto de Psicologia da UERJ e Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social – UERJ**.

Ciente dos objetivos, métodos e técnicas que serão utilizados nessa pesquisa, concordo em contribuir para a coleta de dados nessa instituição, assegurando que:

1. Esta pesquisa opera eticamente pelas Resolução CNS nº 510/2016 e a Norma Operacional nº 001/2013;
2. A garantia de solicitar e receber esclarecimentos antes, durante e depois do desenvolvimento da pesquisa, como seus resultados finais, protegendo a identidade de cada participante e instituições cedentes;
3. Que não haverá nenhum custo financeiro para esta instituição que seja decorrente da participação nessa pesquisa;
4. A coleta de dados será realizada em uma visita única, estimando-se o tempo total dos procedimentos em 30 minutos;
5. O espaço necessário para a coleta de dados exige apenas uma sala sem interferências externas, para que os participantes possam responder aos instrumentos;
6. O não cumprimento dos itens acima, torna possível a retirada da anuência da instituição a qualquer momento da pesquisa sem penalização alguma;
7. Este projeto poderá ser realizado somente após aprovação do Comitê de Ética da Plataforma Brasil.
8. A Instituição e seus participantes terão participação voluntária e podem interromper sua participação no momento que desejarem.
9. Todas as demais informações necessárias constam no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido em anexo a este documento.

Rio de Janeiro, 28 de novembro de 2019.

*Luiz Augusto da Costa Paulo*

**Luiz Augusto da Costa Paulo**

Coordenador Administrativo

(21) 99994-0909 – [luizinhoroux@hotmail.com](mailto:luizinhoroux@hotmail.com)

*Luiz Augusto da Costa*

**Luiz Augusto da Costa**

Coordenador Administrativo



Scanned with  
CamScanner

Av. Jornalista Ricardo Marinho, 360 – sala126, Barra da Tijuca, Rio de Janeiro – RJ  
[cabarradatijuca@gmail.com](mailto:cabarradatijuca@gmail.com)

## ANEXO E – Termo de compromisso livre e esclarecido



Universidade do Estado do Rio de Janeiro  
Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social  
Instituto de Psicologia

### Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Você está sendo convidado para participar de uma pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. O objetivo desse trabalho é avaliar a correlação entre a influência do estilo de liderança do treinador nos níveis ansiedade de atletas de uma equipe esportiva.

Este trabalho não apresenta malefícios diretos destacados pela literatura, pode haver, minimamente, desconforto ou cansaço, podendo o participante interromper seu preenchimento e participação, se assim desejar. Esta pesquisa aponta para possíveis benefícios, como a compreensão do estilo de liderança do treinador e o bem-estar emocional dos atletas. As informações sobre os participantes serão mantidas em completo sigilo, somente sendo acessíveis aos pesquisadores responsáveis. A possível publicação deste estudo não conterá qualquer informação pessoal sobre os participantes, sendo mantido o caráter sigiloso da pesquisa. Além disso, você tem o direito de interromper sua participação no momento em que desejar, basta entrar em contato com um dos pesquisadores e expressar sua vontade. Os participantes, que se sentirem prejudicados pela participação na pesquisa, têm o direito de buscar indenização nos termos da lei. Você também tem o direito de receber uma devolução de seus resultados. É importante ressaltar que esta pesquisa possui somente fins acadêmicos e não tem qualquer relação com nenhum propósito da equipe.

Não há nenhum custo e orçamento dessa pesquisa para as instituições e nenhum participante que cederam espaço para a coleta de dados. O espaço necessário para a coleta de dados não exige infraestrutura além de uma sala com cadeiras, onde os participantes possam se acomodar para responder os instrumentos aqui citados, realizado em apenas uma visita. É importante que a organização do local seja um ambiente sossegado e sem a presença de pessoas não implicadas na avaliação e que os sujeitos tenham pelo menos a escolaridade do primeiro grau completo. A fim de não gerar influências nos resultados, a coleta de dados não acontecerá em uma véspera de competição.

Este trabalho, como mencionado anteriormente, buscar encontrar uma relação entre a influência do estilo de liderança do treinador nos níveis ansiedade de atletas. Desse modo, algumas medidas psicológicas serão utilizadas para a avaliação dos participantes: um questionário sociodemográfico; a Escala Multidimensional de Liderança para o Desporto (versão comportamentos atuais) e o Inventário Beck de Ansiedade. Todos esses instrumentos serão aplicados na coleta de dados em todos os atletas participantes em uma única visita, sem interrupções, com tempo total estimado de 30 minutos.

Caso você ainda tenha alguma dúvida, por favor, fique à vontade para perguntar a qualquer momento. Caso precise, contate os pesquisadores responsáveis: Caroline Muniz Camacho Ventura, M.Sd. (telefone: 21 98109-9945 – e-mail: [carolinefmuniz@hotmail.com](mailto:carolinefmuniz@hotmail.com) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, R. São Francisco Xavier, 524, sala 10.015, bloco F, 10 andar, Maracanã – Rio de Janeiro/RJ) e Profa. Angela Donato, Ph.D. (telefone: 21 99984-7013 – e-mail: [angeladonatoliva@gmail.com](mailto:angeladonatoliva@gmail.com) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, R. São Francisco Xavier, 524, sala 10.015, bloco F, 10 andar, Maracanã – Rio de Janeiro/RJ).

Caso você tenha dificuldade em entrar em contato com o pesquisador responsável, comunique o fato à Comissão de Ética em Pesquisa da UERJ: R. São Francisco Xavier, 524, sala 3020, bloco E, 3 andar- Maracanã – Rio de Janeiro/RJ, e-mail: [etica@uerj.br](mailto:etica@uerj.br) – telefone: (021) 2334 2180. O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) é um colegiado interdisciplinar e independente, de caráter consultivo, deliberativo e educativo, criado para defender os interesses dos sujeitos de pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro dos padrões éticos.

Eu, \_\_\_\_\_ (nome por extenso) declaro ter recebido todas as informações necessárias e participo da presente pesquisa de modo voluntário compreendendo todos os meus direitos.

\_\_\_\_\_  
(Assinatura) Rio, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20\_\_\_\_.

**ANEXO F – Questionário sociodemográfico**



Universidade do Estado do Rio de Janeiro  
 Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social  
 Instituto de Psicologia

**Questionário Sociodemográfico**

Nome: \_\_\_\_\_

Clube: \_\_\_\_\_

1. Idade: \_\_\_\_\_
2. Escolaridade:  
 ( ) Primeiro grau incompleto    ( ) Primeiro grau completo    ( ) Segundo grau incompleto  
 ( ) Segundo grau completo    ( ) Superior incompleto    ( ) Superior completo
3. Tempo de prática no esporte: \_\_\_\_\_
4. Tempo que atua nesta equipe: \_\_\_\_\_
5. Número de dias **semanais** praticando a modalidade (físico, técnico e tático): \_\_\_\_\_
6. Número de horas **diárias** praticando a modalidade (físico, técnico e tático): \_\_\_\_\_
7. Quantos campeonatos por **ano** sua equipe disputa? \_\_\_\_\_
8. Sua família apoia sua escolha de ser atleta? ( ) Sim    ( ) Não
9. Posição que joga atualmente? \_\_\_\_\_
10. Atualmente, joga no time titular? ( ) Sim    ( ) Não
11. Já passou pelo Futebol Profissional? ( ) Sim    ( ) Não
12. Sua equipe possui acompanhamento psicológico? ( ) Sim    ( ) Não
13. Marque sua faixa salarial:  
 ( ) Não possui    ( ) até 3 mil    ( ) até 5 mil    ( ) até 10 mil    ( ) mais de 10 mil
14. Possui salários em atraso? ( ) Sim    ( ) Não
15. Em sua percepção, marque de 0 a 10 o quanto lhe traz ansiedade a maneira que seu treinador lidera sua equipe?



**ANEXO G – Escala multidimensional de liderança para o desporto**

**Escala Multidimensional de Liderança para o Desporto**

*Gomes, 2005*

*Adaptação: Versão Comportamentos atuais (Barale, 2009)*

Apresentação: Estamos desenvolvendo uma pesquisa sobre liderança no contexto esportivo. Abaixo estão frases que podem traduzir o que você pensa sobre esta equipe. Responda com sinceridade e, por gentileza, não deixe nenhum item sem resposta. Essa pesquisa trata exclusivamente de um trabalho para a Universidade, portanto não escreva seu nome em lugar algum. Qualquer dúvida entre em contato com os pesquisadores responsáveis: Caroline Muniz e Angela Donato (21) 98109-9945.

Cada uma das afirmações que segue descreve um **comportamento específico** que um treinador pode exibir. Para cada afirmação existem cinco alternativas:

1	2	3	4	5
<b>Nunca</b>	<b>Raramente</b> (cerca de 25% das vezes)	<b>Algumas vezes</b> (50% das vezes)	<b>Muitas vezes</b> (cerca de 75% das vezes)	<b>Sempre</b>

Por favor, indique o **comportamento atual** do seu treinador colocando um círculo ou uma cruz no número apropriado. Tente responder a todas as afirmações, pensando naquilo que é o comportamento habitual ou mais frequente do seu treinador em cada uma das situações apresentadas. Por favor, tenha sempre em consideração que irá **responder pensando no seu atual treinador**.

<b>O MEU TREINADOR...</b>	<b>Nunca</b>	<b>Raramente</b>	<b>Algumas vezes</b>	<b>Muitas vezes</b>	<b>Sempre</b>
1. Me dá os parabéns, na presença dos outros, pelo meu bom desempenho	1	2	3	4	5
2. Pede minha opinião para decidir as estratégias de jogo nos campeonatos	1	2	3	4	5
3. Me ajuda em meus problemas pessoais	1	2	3	4	5
4. Fala de forma entusiasmada sobre o que é necessário fazer	1	2	3	4	5
<b>O MEU TREINADOR...</b>	<b>Nunca</b>	<b>Raramente</b>	<b>Algumas vezes</b>	<b>Muitas vezes</b>	<b>Sempre</b>
5. Quando eu faço um bom trabalho, ele me diz isto	1	2	3	4	5
6. Define castigos e punições quando não cumpro com o que está estabelecido	1	2	3	4	5
7. Permite a minha participação em decisões que precisam ser tomadas	1	2	3	4	5
8. Me faz favores pessoais	1	2	3	4	5
9. Sugere novas formas de realizar as tarefas	1	2	3	4	5
10. Utiliza principalmente punições e castigos com o objetivo de mudar meus comportamentos	1	2	3	4	5

11. Mostra que está satisfeito quando jogo bem ou quando tenho bom desempenho	1	2	3	4	5
12. Pede minha opinião sobre assuntos importantes do treinamento	1	2	3	4	5
13. Demonstra o afeto que sente por mim	1	2	3	4	5
14. Demora a responder questões urgentes	1	2	3	4	5
15. Me encoraja a fazer confidências a ele	1	2	3	4	5
16. Encoraja as relações pessoais e informais dos atletas com ele	1	2	3	4	5
17. Demonstra poder e confiança em si mesmo	1	2	3	4	5
18. Procura dar o exemplo e ser modelo para os atletas	1	2	3	4	5
19. Me leva a ver um problema de diferentes pontos de vista	1	2	3	4	5
20. Desperta em mim o desejo de sucesso	1	2	3	4	5
21. Me recompensa quando mereço	1	2	3	4	5
22. Deixa os problemas se acumularem antes de fazer alguma coisa	1	2	3	4	5
23. Desperta em mim a vontade de me esforçar cada vez mais	1	2	3	4	5
24. Usa muito punições e castigos	1	2	3	4	5

## ANEXO H – Inventário beck de ansiedade

### Inventário Beck de Ansiedade

*Adaptado: Cunha, 2001*

Abaixo está uma lista de sintomas comuns de ansiedade. Por favor, leia cuidadosamente cada item da lista. Identifique o quanto você tem sido incomodado por cada sintoma durante a última semana, incluindo hoje, colocando um “X” no espaço correspondente, na mesma linha de cada sintoma.

	<b>Absolutamente Não</b>	<b>Levemente</b> Não me incomodou muito	<b>Moderadamente</b> Foi muito desagra- dável mas pode suportar	<b>Gravemente</b> Difícilmente pude suportar
1. Dormência ou formigamento				
2. Sensação de calor				
3. Tremores nas pernas				
4. Incapaz de relaxar				
5. Medo que aconteça o pior				
6. Atordoado ou tonto				
7. Palpitação ou aceleração do coração				
8. Sem equilíbrio				
9. Aterrorizado				
10. Nervoso				
11. Sensação de sufocação				
12. Tremores nas mãos				
13. Trêmulo				
14. Medo de perder o controle				
15. Dificuldade de respirar				
16. Medo de morrer				
17. Assustado				
18. Indigestão ou desconforto no abdômen				
19. Sensação de desmaio				
20. Rosto afogueado				
21. Suor (não devido ao calor)				